



ACADEMIA MILITAR

O Emprego das Forças Cinotécnicas da Polícia do Exército

Rita Barroso Isidoro

Trabalho de Investigação Aplicada

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Carlos Lopes

Coorientador: Professora Doutora Olga Maria Oliveira Duarte

Júri

Presidente: Professora Doutora Ana Maria Carapelho Romão Leston Bandeira

Arguente: Tenente-Coronel de Cavalaria Fernando Fernandes

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Carlos Lopes

Diretor de Curso: Tenente-Coronel de Cavalaria Jorge Figueiredo Marques

junho de 2025



ACADEMIA MILITAR

O Emprego das Forças Cinotécnicas da Polícia do Exército

Rita Barroso Isidoro

Trabalho de Investigação Aplicada

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Carlos Lopes

Coorientador: Professora Doutora Olga Maria Oliveira Duarte

Júri

Presidente: Professora Doutora Ana Maria Carapelho Romão Leston Bandeira

Arguente: Tenente-Coronel de Cavalaria Fernando Fernandes

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Carlos Lopes

Diretor de Curso: Tenente-Coronel de Cavalaria Jorge Figueiredo Marques

junho de 2025

EPÍGRAFE

"The better I get to know men, the more I find myself loving dogs."

Charles de Gaulle

DEDICATÓRIA

À minha família, amigos e camaradas de curso, com especial apreço pelos irmãos de
Cavalaria, cuja amizade será eterna.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é o reflexo de um percurso marcado por desafios, aprendizagens e superação. Ao longo desta jornada, tive a sorte de contar com o apoio inestimável de pessoas que estiveram ao meu lado nos momentos mais difíceis, oferecendo, motivação e companhia. Por isso, expresso a minha sincera gratidão:

Ao meu orientador, Tenente-Coronel de Cavalaria Carlos Lopes, não só pela orientação, dedicação e disponibilidade, mas sobretudo por ter acreditado sempre em mim, incentivando-me e guiando-me ao longo deste percurso com confiança e compromisso.

À minha coorientadora, Professora Doutora Olga Duarte, por se ter disponibilizado a apoiar-me ao longo desta etapa.

Ao meu Diretor de Curso, Tenente-Coronel de Cavalaria Jorge Marques, por todo o apoio incondicional e pelas palavras de incentivo que nunca deixou de oferecer. Esteve sempre disponível para ajudar, enfrentando qualquer desafio ou dificuldade que surgisse ao longo deste percurso.

Ao Capitão de Cavalaria Robalinho Lopes, pela sua constante disponibilidade, pelo apoio inestimável e pela palavra amiga. A sua disponibilidade e dedicação fizeram toda a diferença ao longo deste percurso.

A todos aqueles que se disponibilizaram para as entrevistas, expresso a minha sincera gratidão, pela sua prontidão e empenho em colaborar nesta investigação, partilhando os seus conhecimentos e experiências de forma enriquecedora.

Um agradecimento especial à minha família, com destaque para a minha mãe, cujo apoio incondicional tornou tudo isto possível. Sem ela, nada neste percurso teria sido alcançado.

Aos meus camaradas de curso, o meu sincero agradecimento pelo apoio ao longo deste percurso. Um agradecimento especial aos camaradas de Cavalaria, com quem partilhei desafios, aprendizagens e momentos inesquecíveis.

A todos aqueles que, de alguma forma, não foram mencionados, saibam que estou profundamente grata pelo vosso apoio. O vosso contributo, direto ou indireto, foi essencial neste percurso.

RESUMO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada tem como tema “O Emprego das Forças Cinotécnicas da Polícia do Exército”. O seu objetivo principal é compreender o processo de geração das forças cinotécnicas da Polícia do Exército e analisar como estas constituem um multiplicador do potencial de combate. Para tal, torna-se essencial identificar as missões em que estas forças poderão ser empregues.

Pretende-se compreender quais as capacidades, vantagens e limitações das forças cinotécnicas da Polícia do Exército, tanto no plano interno como a nível internacional. A investigação analisa a forma como estas forças podem ser integradas nas estruturas operacionais, de modo, que possam contribuir de forma efetiva para missões de segurança, deteção de explosivos e de estupefacientes e busca e salvamento.

Para estruturar a investigação, foi seguido o método indutivo, com recurso a revisão bibliográfica, análise documental e entrevistas a militares com experiência na área cinotécnica e no comando operacional. As entrevistas permitiram recolher dados através de 5 guiões diferentes, permitindo obter informação sobre a organização, treino, certificação e projeção destas forças, com especial enfoque no seu emprego no contexto da Força de Reação Imediata (FRI), da *NATO Response Force* (NRF) e da *EU Battlegroup* (EUBG). Inclui-se ainda uma perspetiva externa, através da análise do modelo cinotécnico do Exército Espanhol.

As conclusões evidenciam que, apesar das limitações estruturais e organizacionais, as forças cinotécnicas da Polícia do Exército têm potencial para assumir um papel de grande importância nas operações militares, desde que, sejam otimizadas as condições de formação, certificação e emprego operacional.

Palavras-Chave: Polícia do Exército, Emprego operacional; Processo de geração; Cinotécnia

ABSTRACT

The present Applied Research Project focuses on the topic “The Employment of Canine Units within the Army Police.” Its main objective is to understand the generation process of Army Police canine forces and to analyse how they can act as a force multiplier for combat potential. To this end, it is essential to identify the missions in which these forces can be employed.

The study seeks to understand the capabilities, advantages, and limitations of Army Police canine units, both in national and international contexts. It analyses how these teams can be integrated into operational structures to contribute effectively to missions involving security, explosives and narcotics detection, and search and rescue.

The investigation followed an inductive method, supported by literature review, document analysis, and interviews with military personnel experienced in canine operations and operational command. Five distinct interview guides were used to collect data on the organisation, training, certification, and deployment of these forces, with particular focus on their role within the Immediate Reaction Force (FRI), the NATO Response Force (NRF), and the European Union Battlegroup (EUBG). An external perspective was also included through the analysis of the Spanish Army’s canine model.

The findings show that, despite structural and organisational limitations, the Army Police's canine forces have the potential to play a significant role in military operations, provided that training, certification, and operational conditions are optimised.

Keywords: Army Police; Operational Employment; Force Generation; Canine Techniques.

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	1
PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	4
CAPÍTULO 1- BASE CONCEPTUAL SOBRE FORÇAS CINOTÉCNICAS E POLÍCIA MILITAR.....	4
1.1. Polícia Militar em contexto OTAN.....	4
1.2. Cinotécnia Militar.....	4
1.3. Definição e Histórico do Uso de Cães Militares.....	5
1.4. Polícia Exército.....	6
1.5. Cães como Multiplicadores de Potencial de Combate.....	8
1.5.1. Conceito de Multiplicador de Potencial de Combate.....	8
1.5.2. Os Binómios Cinotécnicos como Multiplicadores do Potencial de Combate.....	9
1.5.3. Na atualidade.....	10
1.6. Síntese conclusiva do capítulo 1.....	10
CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DE GERAÇÃO E EMPREGO DAS FORÇAS CINOTÉCNICAS.....	11
2.1. Conceito Geração de Forças.....	11
2.2. Processo de Recrutamento dos cães.....	13
2.3. Treino e Sustentação.....	14
2.4. Certificação.....	15
2.5. Síntese conclusiva do capítulo 2.....	15
CAPÍTULO 3- EMPREGO OPERACIONAL DAS EQUIPAS CINOTÉCNICAS MILITARES.....	17
3.1. O Emprego Operacional dos Cães Militares das Equipas Cinotécnicas da Polícia do Exército do RL2.....	17
3.1.1. Explosivos.....	17
3.1.2. Busca e Detecção de Estupefacientes.....	17
3.1.3. Uso da Força.....	18
3.1.4. Busca e Salvamento.....	18
3.2. Exército Português.....	19

3.3.	EMGFA.....	20
3.3.1.	FRI.....	20
3.4.	Mecanismo de resposta Rápida Militar NATO/EU.....	20
3.4.1.	MP Coy/NRF.....	21
3.4.2.	MP Coy/EUBG.....	22
3.5.	Síntese conclusiva do capítulo 3.....	23
CAPÍTULO 4- O CASO DO EXÉRCITO ESPANHOL		24
4.1.	Organização e Estrutura das Forças Cinotécnicas Espanholas.....	24
4.2.	Treino e Certificação.....	24
4.3.	Emprego dos Binómios Cinotécnicos Espanhóis em Missões Internacionais.....	25
4.4.	UME- <i>Unidad Militar De Emergencias</i>	25
4.5.	Síntese conclusiva do Capítulo 4.....	27
PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO E TRABALHO DE CAMPO.....		28
CAPÍTULO 5- METODOLOGIA, MÉTODOS E MATERIAIS.....		28
5.1.	Enquadramento.....	28
5.2.	Tipo de abordagem e método científico.....	28
5.3.	Modelo de Análise.....	30
5.4.	Pergunta de Partida e Perguntas derivadas.....	31
5.5.	Técnica de recolha de dados.....	32
5.6.	Caracterização da Amostra.....	33
CAPÍTULO 6- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS		35
6.1.	Enquadramento.....	35
6.1.1.	Missões e Emprego Operacional das Forças Cinotécnicas da Polícia do Exército.....	35
6.1.2.	Seleção, Treino e Formação dos Binómios Cinotécnicos do RL2.....	36
6.1.3.	Infraestruturas e Sustentação.....	37
6.1.4.	Certificação e Avaliação.....	38
6.1.5.	Integração na FRI.....	39
6.1.6.	Integração na MPCoy.....	40
6.1.7.	O caso Espanhol.....	41
6.1.8.	Cães como multiplicadores do Potencial de Combate.....	43

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	50

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 As Unidades Polícia do Exército no Sistema de Forças Nacional.....	7
Figura 2 Organigrama do Módulo Cinotécnico do GPE.....	8
Figura 3 Processo de Geração de Foras da Polícia do Exército.....	12
Figura 4 Quadro resumo de missões do Módulo Cinotécnico.....	19
Figura 5 Necessidades de Forças de outros países da União Europeia – EUBG <i>Package</i>	22
Figura 6 Proposta da organização da MP Coy para a EUBG 25-2,26-1.....	23

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 Objetivo Geral e Pergunta de Partida.....	31
Tabela 2 Objetivos Específicos e Perguntas Derivada	32
Tabela 3 Modelo de Análise	II
Tabela 4 Tabela de Pessoas Entrevistadas	III
Tabela 5 Corpo de Questões Guião A	VIII
Tabela 6 Corpo de Questões Guião B	X
Tabela 7 Corpo de Questões Guião C	XI
Tabela 8 Corpo de Questões Guião D	XII
Tabela 9 Corpo de Questões Guião E	XIV
Tabela 10 Síntese de repostas à pergunta 1.....	XVI
Tabela 11 Síntese de repostas à pergunta 2.....	XVI
Tabela 12 Síntese de repostas à pergunta 3 e 4.....	XVI
Tabela 13 Síntese de repostas à pergunta 5.....	XVII
Tabela 14 Síntese de repostas à pergunta 6.....	XVIII
Tabela 15 Síntese de repostas à pergunta 7 e 8.....	XVIII
Tabela 16 Síntese de repostas à pergunta 9.....	XIX
Tabela 17 Síntese de repostas à pergunta 10 e 11.....	XIX
Tabela 18 Síntese de repostas à pergunta 12.....	XX
Tabela 19 Síntese de repostas à pergunta 13,14,15 e 16.....	XXI
Tabela 20 Síntese de repostas à pergunta 17,18,19 e 20.....	XXII
Tabela 21 Síntese de repostas à pergunta 21.....	XXIV
Tabela 22 Síntese de repostas à pergunta 22.....	XXIV

LISTA DE APÊNDICES

Apêndices	I
Apêndice A Modelo de Análise.....	II
Apêndice B Caracterização da Amostra.....	III
Apêndice C Carta de Apresentação para Guiões de entrevista.....	IV
Apêndice D Protocolo de Consentimento Informado.....	VI
Apêndice E Corpo de Questões Guião de Entrevista A.....	VIII
Apêndice F Corpo de Questões Guião de Entrevista B.....	X
Apêndice G Corpo de Questões Guião de Entrevista C.....	XI
Apêndice H Corpo de Questões Guião de Entrevista D.....	XII
Apêndice I Corpo de Questões Guião de Entrevista E.....	XIV
Apêndice J Sinopse das Entrevistas do Guião A.....	XVI
Apêndice K Entrevista Coronel Vítor Gomes – Guião B.....	XXVI
Apêndice L Entrevista Major Ivo Caseiro – Guião C.....	XXVII
Apêndice M Entrevista Capitão de Fragata Ferreira Vilaça – Guião D.....	XXIX
Apêndice N Entrevista Brigada D. Sergio Mares Guillén – Guião E.....	XXXII

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E ACRÓNIMOS

AM - Academia Militar

BPM I - *Batallón de Policía Militar I*

BrigInt - Brigada de Intervenção

BrigMec - Brigada Mecanizada

BrigRR - Brigada de Reação Rápida

CEME – Chefe do Estado-Maior do Exército

CEMGFA - Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas

CFT - Comando das Forças Terrestres

CGTAD - *Cuartel General Terrestre de Alta Disponibilidad*

Cmd - Comando

CVMC - Clínica Veterinária Militar de Canídeos

DAE - Destacamento de Ações Especiais

DGAV – Direção-Geral da Alimentação e Veterinária

ECIDEF - *Escoela Cinológica de la Defensa*

EME – Estado-Maior do Exército

EMGFA – Estado-Maior-General das Forças Armadas

EUBG - *European Union Battlegroups*

FFAA - Forças Armadas

FND - Força Nacional Destacada

FRI – Força de Reação Imediata

GNR - Guarda Nacional Republicana

GPE - Grupo Polícia do Exército

HVT – High Value Target

LBPC – Lei de Bases da Proteção Civil

MDN – Ministério da Defesa Nacional

ModCin - Módulo Cinotécnico

MP Coy - Companhia de Polícia Militar

MRRM - Mecanismo de Resposta Rápida Militar

NBQR – Nuclear, Biológica, Química e Radiológica

NRF - *NATO Response Force*

OTAN - Organização do Tratado do Atlântico Norte

PAMEEX – Plano de Apoio Militar de Emergência do Exército

PD - Pergunta Derivada

PDE - Publicação Doutrinária do Exército

PE - Polícia do Exército

PEM - Planeamento Estratégico Militar

PGS – Pelotão de Guarnição e Segurança

PM - Polícia Militar

PP - Pergunta de Partida

PPCACDFA - Programa Para Prevenção dos Comportamentos Aditivos e Combate às Dependências nas Forças Armadas

QO – Quadro Orgânico

RL2 - Regimento de Lanceiros nº2

ROE – *Rule Of Engagement*

RPara - Regimento de Paraquedistas

SM – Santa Margarida

TIA - Trabalho de Investigação Aplicada

TO - Teatro de Operações

UE - União Europeia

U/E/O – Unidades/ Estabelecimentos/ Órgãos

UME - *Unidad Militar De Emergencias*

VCEME – Vice-Chefe Estado-Maior do Exército

ZMA – Zona Militar dos Açores

ZMM – Zona Militar da Madeira

INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Investigação Aplicada (TIA), com o título “O emprego de forças Cinotécnicas da Polícia do Exército”, insere-se no Mestrado Integrado em Ciências militares na especialidade de Cavalaria, ministrado na Academia Militar.

Como centralidade deste trabalho, colocamos o cão, enquanto melhor amigo do Homem, mas também fruto das suas habilidades excepcionais, porquanto complementar as capacidades humanas, constituindo-se num aliado para formar um binómio¹ perfeito para cumprir missões nas Forças Armadas e Segurança. Facto este corroborado pelo *Department of the Army* (2005), que remete para a antiguidade, o uso de cães para a proteção da vida humana e de propriedades, intimamente ligado aos cães militares e essenciais num Exército, tendo em consideração que potenciam as suas capacidades, em particular a Polícia Militar, dada a sua especificidade.

Tendo em conta as suas características, começaram a ser usados em patrulhas, missões de segurança, deteção de explosivos e estupefacientes. Com as alterações climáticas e a grande instabilidade dos conflitos armados surgiram novos desafios no âmbito da busca e salvamento e da deteção (Allsop, 2011).

Segundo o *Department of the Army* (2005), os cães militares são elementos essenciais no Exército, tendo em consideração que potenciam as capacidades da Polícia Militar. Estas equipas de cães militares permitem à Polícia Militar executar as suas diferentes missões de forma mais eficaz.

Atualmente, este ativo cumpre inúmeras missões nas diferentes Forças Armadas de todo o mundo, encontrando-se esta capacidade nas seguintes unidades do nosso Exército: no Regimento de Paraquedistas (RPara), na Secção de Cães de Guerra, com missões de exploração e de sentinela; no Campo Militar de Santa Margarida, com cães de guarda ao Paiol de Munições do Campo Militar; e no Regimento de Lanceiros N.º 2 (RL2), com binómios para cumprirem um leque maior de missões, de uso da força, deteção de estupefacientes, deteção de explosivos e busca e salvamento.

Por conseguinte, cientes que o cão se tornou mais do que o melhor amigo no seio do Exército, colocando o enfoque na capacidade cinotécnica do RL2, pretende-se perceber de que forma estas valências se constituem como fator multiplicador do potencial de combate

¹ “Equipa formada por um condutor e um cão militar preparados para trabalhar em conjunto” (Exército Português, 2020, p. A-1).

das forças de Polícia do Exército (PE) e, se exploradas de forma mais eficiente e eficaz, podem ser atribuídas em apoio a outras forças modulares para cumprimento de todo o espectro de operações, assentes num processo de geração e emprego de forças.

No caso específico do RL2, surge a necessidade de equacionar se estas valências estão a ser exploradas da melhor maneira, e se os cães estão a ser usados da forma mais correta. É necessário rever qual o treino e formação dos cães, como são adquiridos, manutenção e emprego operacional e se estas são adequadas ou poderão ser modificadas de modo a tornar esta capacidade mais eficaz no Exército Português.

No presente trabalho, pretende-se apresentar a capacidade da cinotécnica do RL2, bem como o seu conceito de emprego nas diferentes dimensões onde estas poderão ser empregues, de forma a aferir se esta capacidade está a ser bem empregue no Exército Português e se existe forma de a potenciar.

A motivação para a escolha deste tema surge do facto desta capacidade no RL2, ser uma valência capaz de atuar em todo o espectro das operações, tornando-se assim importante questionar, se a capacidade não estará subaproveitada no Exército Português.

No âmbito do mestrado já supramencionado, este tema apresenta-se como sendo pertinente pois será aferido o estado atual do módulo cinotécnico do RL2, este que é uma possível função a desempenhar por parte dos oficiais da arma de Cavalaria que exerçam funções no RL2.

Para o presente trabalho, é apresentado como objetivo geral “Compreender o processo de geração e emprego de forças cinotécnicas da Polícia do Exército.” Através do objetivo geral foi possível aferir objetivos específicos “Identificar em que operações militares podem ser empregues os cães do Regimento de Lanceiros nº2.”, “Analisar quais as missões e tarefas atribuídas às forças Cinotécnicas da PE no Exército, Forças Armadas e no mecanismo de resposta da OTAN e EU.” e “Analisar o caso de estudo das forças cinotécnicas do Exército espanhol”.

Foi definido como foco de estudo para a sua investigação, a seguinte pergunta de partida “Como otimizar o processo de geração de forças para maximizar o emprego das equipas cinotécnicas da Polícia do Exército?”.

De forma a responder à PP e às perguntas derivadas, como técnicas e métodos serão usadas a análise documental, análise bibliográfica e serão realizados inquéritos por entrevista a elementos e antigos elementos do módulo cinotécnico do RL2.

Para atingir os objetivos o trabalho foi estruturado da seguinte forma:

No primeiro capítulo “Base conceptual sobre forças cinotécnicas e Polícia Militar” o será contextualizado a história da Cinotécnia militar bem como da Polícia Militar.

No segundo capítulo “O processo de geração e emprego das forças cinotécnicas” onde será explicado todo o processo de geração de forças Cinotécnicas.

No terceiro Capítulo “O Emprego Operacional dos Cães Militares das Equipas Cinotécnicas da Polícia do Exército”, irá ser apresentado as capacidades das forças cinotécnicas do RL2, bem como as suas missões no Exército Português, no Estado-Maior-General Forças Armadas (EMGFA) e no mecanismo de resposta da (União Europeia (UE) e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN).

No quarto capítulo “O Caso do Exército Espanhol”, pretende-se revelar as valências e formação dos cães da Polícia Militar de Espanha, bem como, as missões atribuídas a esta força.

No quinto capítulo “Metodologia e Métodos”, irá ser abordado a questão da metodologia aplicada na elaboração do trabalho, é nesta fase que será abordado o método científico adotado e a abordagem aplicada, a fim de concretizar os objetivos do trabalho propostos.

No sexto capítulo “Apresentação e Análise de Resultados”, serão apresentados os dados obtidos através das entrevistas e da análise documental.

Por fim, nas “Conclusões e Recomendações”, será feito o culminar da investigação, onde através das respostas às PD, se irá chegar à resposta da PP. Serão ainda apresentadas algumas limitações encontradas e propostas para futuras investigações.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO 1- BASE CONCEPTUAL SOBRE FORÇAS CINOTÉCNICAS E POLÍCIA MILITAR

1.1. Polícia Militar em contexto OTAN

A PM é uma força de apoio ao combate, responsável por uma série de funções críticas e mobilidade das operações militares (NATO, 2018a). Estas funções podem decorrer em todo o tipo de ambiente, em apoio a operações (Department of the Army, 2011a).

Segundo a NATO (2018a) as principais funções da PM incluem:

- Apoio à mobilidade - a PM facilita o movimento de tropas ao longo dos itinerários.
- Segurança – A PM desempenha um papel crucial na manutenção da segurança operacional, garantindo a proteção de instalações militares, infraestruturas críticas e a *High Values Targets* (HVTs)
- Detenção – A PM é responsável pela detenção e custódia de prisioneiros de guerra, combatentes inimigos capturados e detidos de interesse operacional, garantindo o cumprimento das convenções internacionais.
- Polícia - A PM auxilia no estabelecimento e manutenção da ordem e disciplina no ambiente operacional, aplicação de leis militares e colaboração com forças de segurança locais.
- Policiamento de Estabilização- A PM realiza atividades de natureza policial para apoiar ou substituir polícia local, com o objetivo de contribuir para a manutenção da ordem pública, da segurança, do Estado de Direito e da proteção dos direitos humanos.

Dentro dessas funções, os cães militares (*Military Working Dogs*), são reconhecidos como multiplicadores do potencial de combate, contribuindo para a eficácia operacional e segurança das missões (Department of the Army, 2005).

1.2. Cinotécnia Militar

A Cinotécnia Militar é uma atividade que visa aumentar as características naturais do cão, sem ter em conta a raça, ao nível da sua morfologia, através do treino com um fim útil

(Exército Português, 2020). O uso destas práticas remete tempos antigos com relatos históricos que mostram o uso dos cães em patrulhamentos e guardas.

1.3. Definição e Histórico do Uso de Cães Militares

Segundo Allsop (2011), nenhum animal serviu o homem de forma tão nobre como o cão.

Os cães fazem uso dos cinco sentidos sendo estes: ver, cheirar, ouvir, paladar e sentir, fazendo uso dos mesmos para contribuir de forma significativa para as operações militares. O seu olfato e audição são muito mais apurados que os dos Humanos. Durante a 1 Guerra Mundial foi constatado que os cães militares conseguiam detetar o perigo, sempre que o sentiam não se atreviam a passar os obstáculos. (Allsop, 2011). Estas capacidades sensoriais são reforçadas com capacidades de agilidade, velocidade, resistência perante os desafios que são inerentes ao cão militar (Exército Português, 2020).

Para além dos sentidos, a sua capacidade física confere uma grande vantagem no auxílio dos militares, uma vez que podem aceder a locais onde é difícil ao militar aceder e ainda oferece um grande poder de dissuasão (Sinn & Gosling et al, 2010).

Estes conseguem detetar inúmeros tipos de odores e conseguem diferenciá-los, mesmo quando estes possuem composições químicas aproximadas (Goldblatt et al., 2009).

O cão militar pode fornecer apoio contra ameaças do tipo: *Improvised explosive device* ou outros dispositivos explosivos; Explosivos Comerciais, Militares e Caseiros; Atividade criminal ou ilícita; Emboscada; Intrusão; Esconderijos de armas e munições (NATO, 2018b).

As forças cinotécnicas são um grande reforço às nossas forças quer nas funções de combate informações, quer proteção. Nas informações, com as suas características inatas são um importante sensor. Na proteção, estes podem ser usados na proteção física a instalações, deteção de explosivos e proteção imediata às nossas forças (NATO, 2018b, p. 1).

Os binómios treinados conseguem operar como uma equipa específica para a função que lhes foi destinada. O tratador orienta e interpreta as respostas dadas pelo seu cão atingindo os objetivos do emprego que lhe foi determinado (NATO, 2018b, p. 5).

O uso dos cães remonta a antiguidade, no entanto é durante “o Século XX que o emprego de cães para fins militares conheceu a sua maior expansão.” (Exército português, 2020, pp. 1-1). Durante a Primeira Guerra houve um grande uso dos cães militares por parte dos franceses, belgas e alemães.

No ano 1957, em Portugal os cães aparecem no Batalhão de Caçadores Paraquedistas. Sendo assim os Paraquedistas integrados ainda na Força Aérea Portuguesa, começaram a usar os cães em ações de combate e tarefas de guarda e sentinela (Exército Português, 2020).

Após 1961 dá-se a criação de um centro de Instrução de cães Militares em Boane-Moçambique (Mataloto, 2019).

Em 1997 cria-se uma Secção Cinotécnica no RL2 com valência de busca de estupefacientes (Mataloto, 2019).

Era previsto o uso os cães em diferentes tarefas e ações, no entanto mostraram-se limitadores em alguns TO. Estas limitações vinham muito do desconhecimento do treino/formação dos cães. Sendo assim limitou-se o uso dos cães para missões de pistagem, sentinela, ações de combate de curta duração e guarda de prisioneiros (Exército Português, 2020).

Atualmente temos 3 diferentes Unidades/ Estabelecimentos/ Órgãos (U/E/O) onde encontramos cães militares, o RPara com binómios de exploração e de sentinela, no RL2 com binómios de uso da força, binómios de deteção de explosivos. Binómios de deteção de estupefacientes e binómios de dupla valência entre o uso da força e deteção de explosivos; no Campo Militar de Santa Margarida com binómios a fazer proteção aos paióis (Exército Português, 2020).

1.4. Polícia Exército

A Polícia do Exército é uma das três Polícias Militares das nossas Forças Armadas com uma implantação territorial conforme se indica:

- 1 Pelotão PE em cada uma das três Brigadas sendo estas BrigMec, BrigInt e BrigRR localizados em Santa Margarida, Coimbra e Tancos, respetivamente;
- 1 Grupo Polícia do Exército, localizado na Amadora
- 1 Pelotão PE no comando da Zona Militar da Madeira
- 1 Pelotão PE no comando da Zona Militar dos Açores
- 2 secções no Estado-Maior do Exército
- 1 Pelotão de Guarnição e Segurança no Campo Militar de Santa Margarida
- 1 Pelotão PE no Estabelecimento Prisional, localizado em Tomar



Figura 1: As Unidades Polícia do Exército no Sistema de Forças Nacional

Fonte: Elaboração Própria

Em abril de 2015 os quadros orgânicos dos Esquadrões PE do Regimento de Lanceiros 2 foram aprovados. A missão do GPE é “O Grupo de Polícia do Exército (GPE) prepara-se para executar operações em todo o espectro das operações militares, no âmbito nacional ou internacional, de acordo com a sua natureza.” (MDN, 2015, p. 3).

O GPE é formado por dois Esquadrões PE, e ainda por um pelotão de apoio responsável por toda a vertente logística de uma unidade deste escalão (Rocha, 2021). Podemos ainda verificar a presença do módulo Cinotécnico inserido neste Pelotão.

De acordo com o QO n°09.07.06 (2015), é possível observar no organigrama do GPE um ModCino com a seguinte constituição:

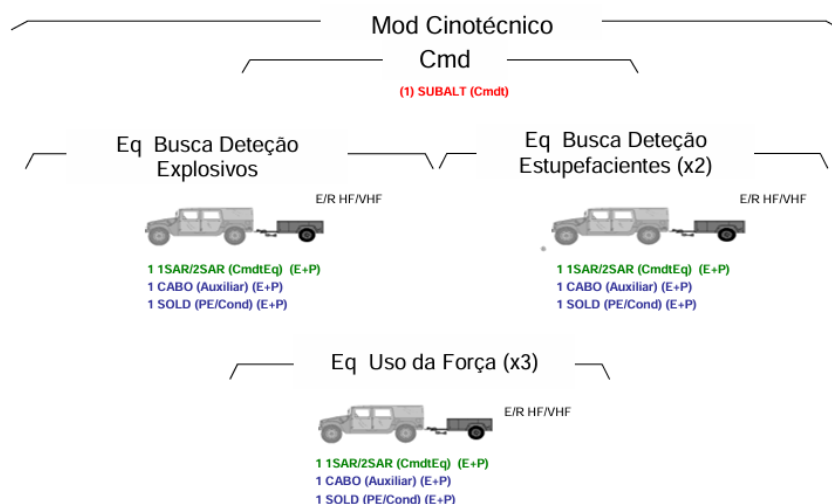


Figura 2 – Organograma do Módulo Cinotécnico do GPE

Fonte: MDN (2015)

O módulo é constituído pelo grupo de comando, cujo comandante é um Oficial Subalterno, uma equipa de busca e deteção de explosivos, comandada por um 1º Sargento/2º Sargento, duas equipas de busca e deteção de Estupefacientes comandadas por um 1º Sargento/2º Sargento e por fim três equipas do uso da Força, comandadas por 1º Sargento/2º Sargento.

1.5. Cães como Multiplicadores de Potencial de Combate

1.5.1. Conceito de Multiplicador de Potencial de Combate

“O potencial de combate é o somatório de todas as capacidades que uma força militar aplica num dado momento. O Exército gera potencial de combate convertendo as capacidades em ação militar. Por ser um conceito aplicado em todo o espectro do conflito, o potencial de combate significa a capacidade para cumprir qualquer missão” (Exército Português, 2012, p. 2 - 22)

O conceito de multiplicador de potencial de combate refere-se ao uso de qualquer recurso, tecnologia ou estratégia que aumente a eficácia operacional de uma unidade militar sem a necessidade de aumentar o número de efetivos (NATO, 2018a).

1.5.2. Os Binómios Cinotécnicos como Multiplicadores do Potencial de Combate

De acordo com a NATO (2020b), os binómios cinotécnicos são frequentemente empregues em ações de proteção de infraestruturas críticas, missões de busca e salvamento, patrulhamento de áreas estratégicas e deteção de explosivos ou estupefacientes, permitindo que forças militares operem com maior precisão e segurança. Estudos apontam que um binómio cinotécnico pode substituir várias equipas humanas na deteção de ameaças, otimizando o emprego de recursos e tempo em operações de combate e segurança (Oliveira, 2016).

Segundo a NATO (2018a), os cães são considerados ativos estratégicos na condução de operações ofensivas e defensivas.

A presença de cães em operações militares tem um impacto psicológico significativo atuando com fator de dissuasão, evitando muitas vezes o uso da força física. Este efeito psicológico permite aos militares o cumprimento da lei respeitando a integridade física dos oponentes (Riani, 2011).

Segundo a NATO (2020b) o uso de cães treinados para a deteção de explosivos em TO reduziu em 30% o tempo necessário para a inspeção de ameaças permitindo desta forma que as forças militares operem em ambientes mais seguros.

Os cães militares são usados para encontrar vítimas soterradas em escombros ou para encontrar pessoas desaparecidas. O uso desta capacidade reduz a exposição dos militares e aumenta significativamente as hipóteses de sobrevivência das vítimas (Riani, 2011).

Segundo a Força Aérea dos Estados Unidos, os binómios aumentam de forma significativa a capacidade operacional de uma unidade, sem a necessidade de reforçar o número de efetivos. Estas equipas são utilizadas para patrulhamento, deteção de explosivos e de drogas, e garantem a segurança de infraestruturas críticas, sendo destacadas pela sua capacidade de dissuasão, resposta rápida e precisão na deteção de ameaças (U.S. Air Force, 2013).

Segundo o artigo *Dogs of War: Why the Navy SEALs Would Use Dogs as a Force Multiplier* os canídeos são considerados verdadeiros multiplicadores de força em particular nos *Navy Seals*. Além das capacidades físicas estes têm um grande efeito dissuasor psicológico no inimigo, o que permite operar em ambientes onde o militar sozinho não consegue operar em segurança (ITS Tactical, 2011).

1.5.3. Na atualidade

Nos Estados Unidos da América já são usados sensores acoplados a coletes especiais, estes que têm permitido a integração mais eficiente dos cães nas unidades militares americanas, que aumentam o seu potencial como multiplicadores de potencial de combate (NATO, 2020b).

1.6. Síntese conclusiva do capítulo 1

O presente capítulo permitiu consolidar o enquadramento teórico necessário para compreender a importância das forças cinotécnicas militares na Polícia do Exército, bem como a sua valorização no contexto da doutrina OTAN. Através da análise da função da Polícia Militar em operações militares, ficou claro que os binómios cinotécnicos são um multiplicador do potencial de combate, com aplicação em múltiplas missões de segurança, patrulha, deteção de estupefacientes e busca e salvamento.

O conceito de multiplicador de potencial de combate dá ênfase à relevância destas equipas como elementos que aumentam o rendimento das operações sem aumento proporcional de efetivos. O seu impacto estende-se do plano tático ao psicológico, potenciando a eficácia, dissuasão e proteção das forças no terreno.

CAPÍTULO 2 – O PROCESSO DE GERAÇÃO E EMPREGO DAS FORÇAS CINOTÉCNICAS

2.1. Conceito Geração de Forças

O processo de geração de forças é o processo no âmbito do planeamento de operações, com o objetivo de providenciar o conjunto de forças necessárias para o cumprimento de uma missão (NATO, 2013, p.3-72). Esse processo é composto por várias fases, incluindo a identificação das capacidades disponíveis, recrutamento, formação, certificação, integração e projeção operacional (Talambas, 2019).

Segundo o EMGFA (2020), o processo de geração de forças é a parte integrante do Planeamento Estratégico Militar (PEM), sendo conduzido em articulação com compromissos assumidos por Portugal na OTAN e UE. Este processo está estruturado em etapas sequenciais que envolvem desde a definição dos requisitos, passe pela identificação e disponibilização dos meios, até à certificação e projeção das forças. A metodologia seguida baseia-se em planeamento por capacidades (*capability-based planning*), com foco na eficácia e interoperabilidade das forças a empregar.

Segundo o Ministério da Defesa Nacional (2015), estas forças são geradas com base em planeamento conjunto, onde maioritariamente são destinadas a operações fora de território nacional. Tal orientação é evidente no caso das Forças Nacionais Destacadas (FND), da NATO *Response Force* (NRF) e dos EU *Battlegroups* (EUBG), cuja missão principal reside no apoio a operações militares internacionais.

A única força com capacidade técnica e enquadrada para atuar em território nacional é a FRI. No entanto, segundo a Diretiva Operacional N° 004/CEMGFA/2018, esta estrutura é pensada prioritariamente para ser projetada além-fronteiras, nomeadamente em cenários de crise humanitária, evacuação de cidadãos ou resposta a catástrofes.

Posto isto, o sistema de geração de forças das FFAA responde essencialmente a necessidades de projeção externa, sendo este, o contexto privilegiado para o planeamento, treino e certificação das capacidades operacionais (Talambas, 2019).

Nesse sentido, no que se refere às forças cinotécnicas, enquadrado nas diversas tipologias de operações que podem ser empregues, conforme refere Oliveira (2016), é essencial garantir que os binómios estejam aptos a atuar em diferentes cenários, como operações de patrulha, busca e salvamento, segurança a infraestruturas, segurança, deteção de estupefacientes e deteção de explosivos.

Segundo a NATO (2020b), esta organização e a UE, exigem que todas as unidades militares que participam em operações internacionais, passem por um rigoroso processo de geração de forças, garantindo que cumprem os padrões de interoperabilidade. No caso das forças cinotécnicas da PE, a geração de forças envolve a seleção de equipas, formação especializada, treino contínuo e certificação operacional (Sousa, 2012).

A NATO(2018a), define as forças cinotécnicas como um elemento fundamental para operações de segurança, patrulhamentos, combate ao terrorismo, sendo necessário que estas forças passem por um processo de certificação antes do destacamento. A certificação operacional, assegura que os binómios têm competências padronizadas para emprego em missões da NRF e EUBG.

De uma forma geral, as Forças de Polícia do Exército são geradas e empregues com o seguinte esquema geral, ver figura 3:

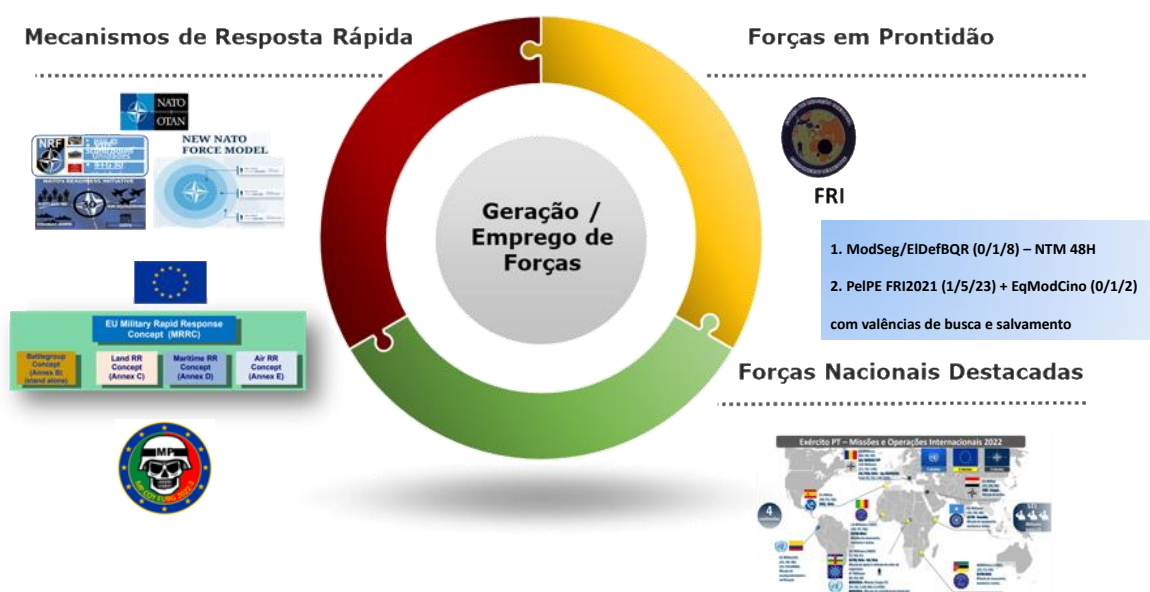


Figura 3: Processo de Geração de Forças da Polícia do Exército

Fonte: Lopes, (2023)

As análises das diretivas de planeamento operacional revelam que a integração de forças cinotécnicas em estruturas como a FRI, MP Coy da NRF e EUBG, decorrem de necessidades identificadas no processo de planeamento de forças, relacionadas com a exigência nos teatros de operações modernos.

No caso da FRI, prevista na Diretiva Operacional n.º 004/CEMGFA/2018, a necessidade de incluir binómios com valência de busca e salvamento, está relacionada com a natureza das missões atribuídas à FRI: operações em território nacional ou além-fronteiras em resposta a catástrofes naturais. Nestes cenários, os binómios revelam-se ferramentas essenciais para localizar vítimas com rapidez, em ambientes complexos. Assim, a geração desta capacidade responde à exigência de intervenção imediata, capazes de reforçar equipas de busca e salvamento, graças à sua capacidade olfativa altamente desenvolvida, que lhes permite detetar odores humanos mesmo sob escombros, ou em ambientes de difícil acesso (Goldblatt et al., 2009).

No contexto EUBG 25-2/26-1, a proposta de inclusão de um módulo cinotécnico nesta força, responde a uma análise operacional que identifica os cães militares como elementos-chave em missões de segurança e capacidade de intervenção rápida, característicos das operações de resposta à crise da UE. A própria natureza das missões atribuídas ao EUBG — rápidas e com elevado grau de exigência física e psicológica — reforça a necessidade de integrar meios que garantam a deteção de ameaças com menor exposição das forças.

Os fuzileiros no presente ano de 2025, enviaram dois binómios cinotécnicos para uma missão na Lituânia, reforçando a sua capacidade no âmbito da cooperação internacional em segurança e defesa (Marinha Portuguesa, 2025). O Comandante da força afirmou que a necessidade de enviar canídeos para esta missão, foi para “potenciar a força anfíbia, porque têm capacidade de deteção de explosivos e ataque a um opositor” (Monteiro, 2025).

Posto isto, a integração de forças cinotécnicas em diferentes forças reflete o aumento da valorização operacional destas forças. Contudo, para que esta capacidade esteja disponível e eficaz no momento da projeção é necessário um processo estruturado de geração, que inicia com o recrutamento e seleção, seguido de treino contínuo e certificação que valida o binómio para o emprego real.

2.2. Processo de Recrutamento dos cães

Segundo o Exército Português (2020), a aquisição de canídeos deverá ser feita entre os 12 e 24 meses, isto porque é nesta fase que se encontram no momento ideal de aprendizagem. Além disso, esta faixa etária permite submeter os canídeos a testes específicos para aferir a valência para a qual serão direcionados.

O cão deve mostrar competência para o trabalho, para isso deverá ser testado pelos responsáveis das secções cinotécnicas em relação ao gosto por recompensas, tendência para buscas e atitude defensiva (Exército Português, 2020).

2.3. Treino e Sustentação

O treino dos canídeos decorre em duas fases distintas. A primeira, corresponde ao treino básico, no qual o animal desenvolve obediência, condição física e aprende os comandos básicos. Numa segunda fase, segue-se o treino específico, onde o cão adquire as competências técnicas e o nível de desempenho exigido para a especialidade a que será destinado (Exército Português, 2020).

O condutor é um militar qualificado para garantir o maneo, controlo e prontidão operacional do cão. Já o treinador é responsável por intervir diretamente no comportamento dos cães, orientando-os no desenvolvimento das suas aptidões e competências específicas. Cabe-lhe ainda a elaboração de planos de treino e a formação base do cão militar, sendo essencial que se mantenha em constante atualização, através da participação em ações de formação (Exército Português, 2020).

Após a formação inicial do cão e do condutor, inicia-se um processo adaptativo entre ambos de natureza dinâmica e contínua. Na prática, este corresponde à aplicação dos conhecimentos, habilidades e capacidades adquiridas por ambos, com vista à evolução conjunta no desempenho das tarefas atribuídas (Exército Português, 2020).

Segundo a DGAV (n.v) “As condições em que são mantidos os animais, são determinantes para o seu bem-estar, saúde e segurança alimentar”. O bem-estar animal é “um estado de completa satisfação das necessidades físicas, psíquicas, emocionais e sociais de um animal, consubstanciado pela Legislação civil, nomeadamente pelo Artigo 7.º, Capítulo II do Decreto-Lei n.º 276/2001, de 17 de outubro, Proteção dos Animais de Companhia.” (Exército Português, 2020, p. 3-1).

Em termos de transporte, sempre que possível, os cães devem ser acompanhados pelos tratadores de forma a garantir controlo de eventuais situações. Este deve ser feito com transportadoras homologadas e com ambiente ventilado (Exército Português, 2020).

No que diz respeito a alojamento, os canis devem ser individuais e com uma área superior a 4,3 m² e altura mínima de 2 metros, contruídos com matérias resistentes, higienizáveis e que garantam isolamento térmico. Deve existir acesso a água potável,

ventilação natural, sombra e uma divisória que impeça o contacto visual entre canídeos (Exército Português, 2020).

O serviço Veterinário deve ser garantido pela Clínica Veterinária Militar de Canídeos (CVMC), que deverá prestar apoio clínico, vacinação, desparasitação (Exército Português, 2020).

2.4. Certificação

As unidades cinotécnicas do Exército, regulam-se pelos parâmetros de certificação da Aliança². É da responsabilidade de cada unidade a certificação dos binómios cinotécnicos (Exército Português, 2020).

A certificação pode ser realizada por um instrutor autorizado e deve incluir a verificação dos registos de treino. Durante a inspeção, o inspetor deve verificar fisicamente o binómio cinotécnico através de testes e cenários para avaliar que este corresponde aos padrões operacionais estabelecidos. Após a conclusão dos testes, o Inspetor deve enviar uma licença operacional ao binómio cinotécnico. Esta licença deverá ser válida por um ano, onde após este, os binómios cinotécnicos devem ser requalificados (Exército Português, 2020).

A GNR possui binómios certificados que integram uma base de dados, desta forma ficam em condições de serem acionados pelo Grupo de Intervenção Cinotécnico, em situações de busca em grandes áreas, ou em catástrofes (Dogs PT Magazine, 2020).

A GNR é responsável por certificar e regulamentar equipas de binómios civis com a capacidade de deteção de odor humano, com o objetivo de garantir qualidade no apoio prestado e de forma a potenciar o sucesso das operações de busca e salvamento (Dogs PT Magazine, 2020).

2.5. Síntese conclusiva do capítulo 2

A análise do processo de geração e emprego das forças, evidencia que este segue uma estrutura formal e sequencial, inserida no Planeamento Estratégico Militar (PEM). Este processo inclui; a identificação de necessidades operacionais, a seleção, formação e certificação das equipas, e termina na integração e projeção em operações nacionais e internacionais.

² OTAN

O recrutamento e treino dos cães é cuidadosamente definido, com critérios rigorosos que asseguram a sua aptidão para diferentes valências operacionais.

A certificação representa um ponto muito importante no processo de geração de forças, pois garante que os binómios operam segundo padrões internacionais.

Este capítulo permitiu clarificar que o processo de geração de forças cinotécnicas, não se limita à formação técnica, mas integra um conjunto de fatores lógicos e contínuos de planeamento, certificação, sustentação e validação operacional.

CAPÍTULO 3- EMPREGO OPERACIONAL DAS EQUIPAS CINOTÉCNICAS MILITARES

3.1. O Emprego Operacional dos Cães Militares das Equipas Cinotécnicas da Polícia do Exército do RL2

3.1.1. Explosivos

Os cães treinados para a deteção de explosivos, têm como missão identificar dispositivos explosivos improvisados, minas, entre outros (Exército Português, 2020).

Os cães de deteção de explosivos poderão operar em edifícios, itinerários e áreas onde possa haver algum tipo de explosivo (NATO, 2018b).

O treinamento destes cães, é feito através da associação entre o odor e uma recompensa, estas fazem com que o cão continue de forma intensiva, à procura do objetivo. O treino destes animais é de extrema importância e minucioso, visto que um pequeno erro pode causar falhas fatais, pelo que, o cão deve estar familiarizado com múltiplos componentes (Hilliard, 2003)

Esta valência, em QO do GPE, tem sido empregue em missões de segurança de área (e.g. compartimentos e locais específicos), contudo, o RL2, possui limitações quanto a cães de deteção de explosivos, após o último falecer em 2022 (Ministério da Defesa Nacional, 2023).

3.1.2. Busca e Deteção de Estupefacientes

Os cães de deteção de Estupefacientes têm a capacidade de operar em diversas áreas, edifícios, meios de transporte e indivíduos. Têm como missão, identificarem substâncias ilícitas. O processo de treinamento é semelhante ao supramencionado, em que existe a associação do odor a uma recompensa (Exército Português, 2020).

Estes binómios, de todos os do RL2, cumprem uma calendarização extenuante no âmbito do Plano de Prevenção e Combate à Droga e Alcoolismo nas Forças Armadas, cumprindo missões reais diariamente (Mataloto, 2019).

3.1.3. Uso da Força

Os cães de uso da Força são caracterizados por desempenharem funções de patrulha, guarda e intervenção. O seu emprego neste tipo de operações, normalmente é em ambientes hostis, pelo que os cães do uso da força são mais robustos (Mataloto, 2019).

A maior característica destes cães, é a sua capacidade dissuasora. Os cães de Patrulha são caracterizados por alertarem a presença de indivíduos e acontecimentos invulgares em zonas críticas, nos itinerários e edifícios. Poderão ainda contribuir para a apreensão de pessoas (NATO, 2018b).

Os binómios de uso da força, têm vindo a ser usados nas atividades do Dia de Portugal em 2019, em missões de Segurança nas instalações fixas, tais como os Paióis de Santa Margarida (Mataloto, 2019).

3.1.4. Busca e Salvamento

A função de busca e salvamento, foi desenvolvida de forma a procurar pessoas perdidas, usando o olfato dos cães. Estes tipos de cães foram usados na guerra do Vietname para encontrar inimigos perdidos (Allsop, 2011).

Segundo Lima (2010), os cães de busca e salvamento são um dos meios mais eficazes para localizar vítimas de derrocadas, terremotos ou outras situações de desastres.

Os cães de Busca e Salvamento, atuam em duas áreas distintas: o cão de busca em grandes áreas e o cão de resgate. Cada uma destas áreas pressupõem um treino diferente, no entanto, em ambas, o cão é treinado para detetar odor humano a fim de detetar elementos das nossas forças que estejam desaparecidos ou em situações de catástrofe, atos de terrorismo e acidentes (Exército Português, 2020).

O cão que possui a valência do uso da força apenas pode desempenhar esta função, visto que ao detetar a pessoa, este fica no mesmo local a ladrar a fim de sinalizar o local, não podendo em momento algum, morder ou tocar na vítima, de forma que estas possam ser salvas posteriormente por equipas de busca e resgate (Exército Português, 2020).

O GPE integra a capacidade de busca e salvamento no âmbito do Apoio Militar de Emergência (Mataloto, 2019).

3.2. Exército Português

No Exército Português os cães com valência de deteção de estupefacientes, são empregues anualmente³ no Programa Para Prevenção dos Comportamentos Aditivos e Combate às Dependências nas Forças Armadas, são empregues em todas as Unidades do Exército no continente (Mataloto, 2019).

“De acordo com a LBPC – documento em Ref g) – as Forças Armadas (FFAA) são agentes de ProCiv competindo-lhes colaborar, “no âmbito das suas missões específicas, em funções de proteção civil” (Artº 52º). “A colaboração das FFAA pode revestir as seguintes formas: (...) Ações de busca e salvamento” (EME, 2018, p.4). Posto isto, não existe nada que obrigue o emprego de forças cinotécnicas do Exército no PAMEEX. De facto, e tendo em conta o supramencionado, não existe nenhuma responsabilidade atribuída ao Exército no que toca ao emprego de meios Cinotécnicos no âmbito do “Plano Nacional de Emergência de Proteção Civil”.

No âmbito da Segurança, as Forças Cinotécnicas têm sido empenhadas nas várias cerimónias onde o Exército têm participado, fazendo segurança ao perímetro e atuando como força de dissuasão; nas instalações fixas, como os Paíóis de Santa Margarida.

O módulo cinotécnico têm tido uma significativa participação nas ações de divulgação e recrutamento do Exército⁴ (Mataloto, 2019).

Missões	2015	2016	2017	2018
Rastreios de estupefacientes	46	49	49	16
Rastreios de explosivos	8	3	3	0
Segurança	12	30 *	28	55
Demonstrações	0	14	14	16
Totais	66	96	94	87

Figura 4: Quadro resumo de missões do Módulo Cinotécnico

Fonte: Mataloto (2019)

³ Figura 4: Quadro resumo de missões do Módulo Cinotécnico

⁴ Figura 4: Quadro resumo de missões do Módulo Cinotécnico

3.3. EMGFA

3.3.1. FRI

De forma a cumprir com as diretivas feitas pelo Governo⁵, as Forças Armadas devem participar de forma ativa na formação de uma capacidade de resposta rápida e capaz de intervir em qualquer cenário, em território Nacional ou fora, sempre que a segurança dos cidadãos nacionais seja posta em causa.

Após ter sido verificado a necessidade da constituição de uma FRI, foi emitida a Diretiva n.º05/CEMGFA/2001, por parte do EMGFA, com capacidade de projeção para missões de acordo com os interesses nacionais.

A FRI é uma força que está orientada para intervir em missões de curta duração, com o objetivo de evacuar cidadãos nacionais em áreas de tensão ou crise, no entanto também serve para treinar procedimentos enquanto força que envolve os três ramos⁶. A ativação da força, desenvolve-se com a Diretiva Operacional do CEMGFA, de acordo com a Diretiva Iniciadora elaborada pelo Governo (EMGFA, 2012).

Na Diretiva Operacional N° 004/ CEMFGA/ 2018, é apresentada a necessidade de existir disponível no GPE de forma imediata, um binómio, no Módulo Cinotécnico com valências de busca e salvamento.

3.4. Mecanismo de resposta Rápida Militar NATO/EU

Os mecanismos de resposta rápida, corresponde ao conjunto das forças militares que estão prontas, treinadas e certificadas para serem projetadas para uma crise num curto espaço de tempo (Karlsrud & Reykers, 2019, p. 24).

Em 2002, foram criados os Conceitos de Resposta Rápida para a UE e a OTAN. A UE em 2004, desenvolveu o conceito de EUBG, através das lições aprendidas no decorrer da Operação ARTEMIS4⁷ de 2003, demonstrando que a UE tem capacidade de operar com uma força bastante pequena (Sousa, 2015).

Em 2002, a OTAN, criou a *NRF*, como sendo uma força multinacional rapidamente projetável, composta por forças das componentes marítimas, terrestres, aéreas e das

⁵ Resolução do Conselho de Ministros n.º6/03, de 20 de Dezembro.

⁶ Força Aérea, Marinha e Exército

⁷ Operação ocorrida na República Democrática do Congo centrada na componente terrestre e que se tornou um modelo de referência para o desenvolvimento de um MRRM (*European External Action Service*, 2015).

operações especiais, com a capacidade de fornecer defesa coletiva e uma rápida resposta militar a qualquer crise (Ringsmose & Rynning, 2017).

Segundo a NATO (s.d.), a NRF tinha esse conceito com a capacidade de se desdobrar, para executar uma variedade de tarefas tais como:

- Defesa coletiva imediata: Resposta inicial a ameaças contra qualquer aliado, antes da chegada de forças adicionais.
- Gestão de crises e operações de apoio à paz: Intervenções em situações de instabilidade para restaurar a ordem.
- Assistência em desastres e proteção de infraestruturas críticas: Apoio em emergências civis e defesa de instalações essenciais.

3.4.1. MP Coy/NRF

Segundo o documento NATO (2020a), este exige que todas as unidades militares cumpram capacidades operacionais padronizadas, assegurando interoperabilidade e prontidão operacional entre os países membros.

A NRF é uma força multinacional de alta prontidão, que pode ser mobilizada em curto prazo para responder a crises.

A Companhia de Polícia Militar (MP Coy), desempenha um papel fundamental dentro da NRF, atuando como um elemento de dissuasão, para a disciplina, segurança e operações militares no teatro de operações. A sua integração na NRF, segue um rigoroso processo de geração de forças, no qual as unidades são preparadas para garantir interoperabilidade, prontidão operacional e resposta rápida a crises internacionais (Comando das Forças Terrestres, 2012).

Em 2012, surge a necessidade de aprontar uma companhia de polícia militar (MP Coy), para a NRF 2013, onde o Exército Português fez parte (Comando das Forças Terrestres, 2012).

A MP Coy atribuída à NRF 2013, foi organizada e aprontada pelo CFT, sendo esta composta por um efetivo preparado para atuar de forma autónoma durante 30 dias, em ambiente operacional (Comando das Forças Terrestres, 2012).

Esta MP Coy requisitada a Portugal, compreendia com um efetivo máximo de 90 militares (Comando das Forças Terrestres, 2012).

O RL2 foi a unidade responsável por organizar a MP Coy. Dos 90 militares escolhidos para integrar a MP Coy/NRF, 7 eram militares com o curso; Tratador Treinador Cinotécnico/explosivos/Patrolha/Droga (Comando das Forças Terrestres, 2012).

3.4.2. MP Coy/EUBG

A EUBG é composta por um conjunto de unidades militares multinacionais, cada uma constituída por aproximadamente 1.500 militares, que constituem uma parte integral dos mecanismos de resposta rápida militar da União Europeia, para responder a crises emergentes e conflitos ao redor do mundo. Estes grupos foram concebidos para serem desdobrados rapidamente em resposta a crises, com a capacidade de serem mobilizados em até 10 dias, após a decisão do Conselho da União Europeia. Cada grupo é autossuficiente por um período inicial de 30 dias, que pode ser estendido até 120 dias, com o devido apoio logístico (Serviço Europeu para a Ação Externa, 2017).

No ano de 2023, houve uma revisão do *force sensing do european union battlegroup 25-2/26-1*, de forma a apresentar as necessidades de contributos de outros estados-membros da EU, para completar as capacidades do EUBG 25-2/26-1 (Exército Português, 2023).

A MP Coy a integrar a EUBG 25-2/26-1, irá ser constituída por 1 Pelotão PE, Grupo de comando, o módulo cinotécnico Português e será solicitado a um país da UE 1 Pelotão PE, onde Portugal deu a sugestão de Espanha, contribuindo assim Portugal com 30 elementos (Exército Português, 2023).

<i>BG Package</i>			
	Escalão/Tipologia	Efetivo (*)	Observações
Comando	Elementos para o (F)HQ		Elementos para integrar o (F)HQ (posições e efetivo a acordar)
Missão	01 Pelotão de Polícia do Exército (Polícia Militar)	30 PAX	Unidade a integrar um Esquadrão de Polícia Militar, juntamente com um Pelotão de PE e uma equipa Cinotécnica Portuguesa.

Figura 5: Necessidades de Forças de outros países da União Europeia – EUBG Package

Fonte: Exército Português (2023, p.11)

Posto isto, foi decidido que a MP Coy (-), deverá ser constituída por dois pelotões e um módulo cinotécnico a 3 binómios, contabilizando um total de 67 elementos. Para se completar a unidade, propôs-se a solicitação de um pelotão de outro país da UE (preferencialmente Espanha através do Batalhão de MP de Bétera/Valência) (Exército Português, 2023).

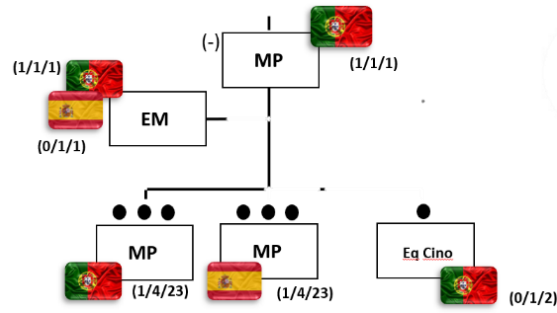


Figura 6: Proposta da organização da MP Coy para a EUBG 25-2,26-1

Fonte: Lopes (2023, p.8)

3.5. Síntese conclusiva do capítulo 3

A análise do capítulo 3, permitiu identificar um conjunto de valências operacionais que integram as forças cinotécnicas da PE, com destaque nas áreas de deteção de estupefacientes, uso da força e deteção de explosivos.

Verificou-se que, no Exército Português, o emprego mais amplo dos binómios ocorre na deteção de estupefacientes, no âmbito do Plano de Prevenção dos Comportamentos Aditivos e Combate às Dependências nas Forças Armadas. O uso da força também tem sido útil em missões de segurança em eventos e infraestruturas críticas.

No entanto, a aplicação destas valências em contextos de resposta conjunta e internacional, nomeadamente na Força de Reação Imediata (FRI), da NATO *Response Force* (NRF) e do *European Union Battlegroup* (EUBG), ainda enfrenta dificuldades.

Não obstante, a sua integração nestas estruturas, evidência o reconhecimento do valor tático-operacional dos binómios, considerados multiplicadores do potencial de combate.

CAPÍTULO 4- O CASO DO EXÉRCITO ESPANHOL

4.1. Organização e Estrutura das Forças Cinotécnicas Espanholas

O Exército Espanhol dispõe de uma estrutura bem definida para o emprego de cães militares, esta garante a integração dos binómios cinotécnicos nas missões militares nacionais e internacionais. A unidade responsável pela gestão e emprego dos cães militares do Exército Espanhol, está inserida no *Batallón de Policía Militar I* (BPM I), que está na dependência do *Cuartel General Terrestre de Alta Disponibilidad* (CGTAD) (Lopes, 2019).

O BPM I é constituído por 12 pelotões da Polícia Militar, distribuídos em diversos comandos e brigadas. Esta estrutura inclui:

- 1 pelotão em cada uma das duas divisões do Exército espanhol;
- 1 pelotão em cada um dos três "Mandos" (Ceuta, Melilla e Canárias);
- 1 pelotão em cada uma das sete brigadas existentes;

A unidade cinotécnica, insere-se na *Compañía de Especialidades de Policía Militar*, diretamente ligado ao BPM I, e inclui o *Pelotón Cinotécnico* composto por 20 militares e 32 cães (Lopes, 2019).

4.2. Treino e Certificação

A *Escoela Cinológica de la Defensa* (ECIDEF), em Madrid, é o centro de referência para a formação e certificação dos cães militares no Exército espanhol. Esta é responsável por preparar os binómios do Exército, Marinha, Polícia Nacional e Guarda Civil. (Lopes, 2019).

O processo de formação dura de 4 a 5 meses e abrange as seguintes especialidades: Detecção de Explosivos; Uso da força e Patrulha; Busca e Salvamento e deteção de Drogas e Substâncias ilícitas. As especialidades são iguais aquelas praticadas pelo GPE no Exército Português (Universidade Nacional de Educación a Distancia, 2016).

Os militares que trabalham com cães da especialidade de deteção de explosivos, têm de ter formação em reconhecimento de engenhos explosivos, ministrado na *Escuela de Defensa* (Universidade Nacional de Educación a Distancia, 2016).

Após terminado o treino básico, o ECIDEF realiza inspeções periódicas para avaliar o desempenho dos binómios, de forma a garantir a sua prontidão.

Além da *Escuela Cinologica de la Defensa*, os binómios espanhóis treinam em várias bases militares para recriar situações de combate real. Na base Militar “Jaime I”, é usada para treino de ações de uso da força (Lopes, 2019).

A PM Espanhola, possui certificação dos binómios cinotécnicos e consideram um processo essencial para garantir a eficácia das equipas cinotécnicas. Este processo está regulamentado no manual doutrinário *Empleo del perro en defensa y seguridad*, onde se destaca que todos os binómios cinotécnicos devem ser sujeitos a avaliações periódicas, com caráter obrigatório e anual, conduzido pela *Escuela Cinologica de la Defensa*. (Ministerio de Defensa, 2013).

Estas avaliações estão organizadas por especialidade, incluindo deteção de explosivos, segurança, busca e salvamento, e deteção de artefactos explosivos improvisados (IED). Para cada uma destas áreas, existe o manual específico com avaliações próprias (Ministerio de Defensa, 2013).

A certificação baseia-se em três princípios fundamentais: realismo, pressão operativa e objetividade. São avaliadas as capacidades de deteção, obediência, motivação, resistência ao stress e a segurança no desempenho (Ministerio de Defensa, 2013).

4.3. Emprego dos Binómios Cinotécnicos Espanhóis em Missões Internacionais

Desde 2010 que o Exército Espanhol, emprega binómios cinotécnicos nas missões internacionais da OTAN e da União Europeia (Lopes, 2019).

O BMP I desde 2010, emprega forças em diversos TO (Afeganistão, Iraque, Líbano, Mali, Mauritânia, República Centro-Africana), em várias tarefas, tais como: *close protection, advising, force protection* e buscas. Até ao ano de 2019, já foram empregues em TO, 244 militares e 18 binómios cinotécnicos (Lopes, 2019).

4.4. UME- Unidad Militar De Emergencias

A UME, foi criada em 2005 para atuar em situações de emergência e catástrofes no território nacional e internacional (Unidade Militar de Emergências, 2020).

Existem vários batalhões distribuídos pelo território do Reino de Espanha, nomeadamente: Madrid, Sevilha, Valência, Zaragoga e león (Unidade Militar de Emergências, 2020).

Esta unidade tem como missões, intervir em emergências causadas por desastres naturais; busca e resgate de vítimas em diferentes cenários; operações de caráter NBQR. As

forças cinotécnicas integram as "*Equipos Cinológicos de Búsqueda y Rescate*" cuja missão é encontrar vítimas desaparecidas ou soterradas (Unidade Militar de Emergências, 2020).

Esta equipa é constituída por 36 binómios cinotécnicos, distribuídos em 6 pelotões em diferentes batalhões por todo o país. Cada pelotão tem um chefe, três guias e seis cães garantindo desta forma cobertura nacional (Unidade Militar de Emergências, 2013).

Estes cães estão preparados para atuar nos seguintes cenários:

- Avalanches- Treinados para encontrar vítimas soterradas;
- Deslizamentos de terras e inundações;
- Colapsos naturais- operam em edificios destruídos;
- Grandes áreas- operações de busca em florestas;

Estas equipas estão prontas a operar em 1 hora. Caso haja necessidade estas equipas conseguem estar prontas a embarcar num avião em 2h30 minutos, com todo o material necessário para cumprir a missão (Unidade Militar de Emergências, 2013).

Os cães de resgate conseguem varrer/vasculhar 100m² em apenas 5 minutos, enquanto que mesmo com equipamentos eletrónicos o ser humano iria demorar 45 minutos; ao que Juan Antonio Rubio comandante do pelotão cinotécnico afirma que: “Isso prova que, apesar dos avanços tecnológicos, o cão continua sendo insubstituível nas operações de busca e resgate” (Unidade Militar de Emergências, 2013)

É no batalhão, em Valência, que são supervisionados e padronizados os procedimentos do emprego dos cães. (Unidade Militar de Emergências, 2013).

A *Escuela Cinológica de la Defensa* é o centro de formação e certificação, garantindo a padronização dos treinos. (Unidade Militar de Emergências, 2013).

Para os cães da UME o processo ocorre em três níveis:

- Básico- Curso de 4 meses na *Escuela Cinológica de la Defensa*;
- Intermédio- Aperfeiçoamento contínuo de forma a permitir aos guias e aos cães atuarem em qualquer situação;
- Superior- Aperfeiçoamento contínuo que permite aos guias e aos seus cães atuar em qualquer missão de emergência.

Existe uma avaliação contínua a cada 6 meses de forma a garantir a manutenção das capacidades. (Unidade Militar de Emergências, 2013).

De forma a garantirem a boa forma física os cães do UME passam por um rigoroso treino físico. De manhã correm 10km ao lado dos seus guias, de forma a melhorar a socialização. Após a corrida, são treinados em pistas militares para desenvolver agilidade e

resistência. Treinam também subida e descida de escadas verticais e por vezes são sujeitos a treinos de natação para relaxamento muscular (Unidade Militar de Emergências, 2013).

4.5. Síntese conclusiva do Capítulo 4

Em síntese, o modelo espanhol de geração de forças cinotécnicas, caracteriza-se por um sistema de alta padronização e estrutura, onde se destaca a formação centralizada, certificação periódica e treino em ambiente realista, permitindo uma integração eficaz dos binómios em missões nacionais e internacionais.

PARTE II – ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO DA INVESTIGAÇÃO E TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO 5- METODOLOGIA, MÉTODOS E MATERIAIS

5.1. Enquadramento

A metodologia é “um conjunto de conceitos e princípios sobre os quais importa refletir, de modo a compreender os fundamentos da pesquisa científica” (Santos, et al., 2019, p. 9). Assim, é importante enquadrar o presente trabalho como uma investigação orientada para a construção de conhecimento (Quivy & Campenhoudt, 1995). Investigar é adquirir conhecimento através de informação, técnicas e dados que cruzados são utilizados para gerar novo conhecimento. (Botelho & Cruz, 2013).

5.2. Tipo de abordagem e método científico

Segundo Saunders et al., (2012) a escolha da abordagem e do método científico são essenciais no desenvolvimento de todo o processo de investigação, que, por sua vez, permite alcançar a resposta à questão de investigação.

Segundo Gil (2008), metodologia é o caminho para se chegar a um fim e o método científico pode-se definir com todos os procedimentos técnicos e intelectuais adotados para atingirmos o conhecimento. Neste sentido, os modelos de investigação definem os procedimentos a serem seguidos por uma pesquisa científica, auxiliando o investigador na determinação do alcance da investigação, na formulação das regras de explicação dos factos e na validação das generalizações. Para esse efeito, o método adotado pode enquadrar-se em diferentes abordagens, nomeadamente: dedutivo, indutivo, hipotético-dedutivo, dialético ou fenomenológico.

Para esta investigação o método de abordagem adotado foi o indutivo, no qual, segundo Santos et al. (2019), existe um processo mental onde o ponto de partida é a observação de factos particulares com o intuito de estabelecer generalizações para formular uma lei ou teoria, recorrendo à indução incompleta que assenta “na causa ou na lei que rege o fenómeno ou fato, constatada em um número significativo de casos (um ou mais) mas não em todos” (Lakatos e Marconi, 2003, p. 89).

O presente trabalho de investigação está dividido em três fases, a primeira fase exploratória, a segunda fase analítica, com análise qualitativa⁸ através de entrevistas e por fim a fase conclusiva que irá dar resposta às PD e à PP.

Na fase exploratória deu-se foco às análises documentais, como artigos, PDE, artigos de revista, livros, regulamentos e manuais doutrinários, estes que ajudavam na recolha de informação sobre capacidade e conceito de emprego das forças Cinotécnicas e como se processava a geração de forças das mesmas. Esta análise documental permitiu estudar o “Estado da Arte” relativamente à estrutura, conceito de emprego e capacidades dos binómios cinotécnicos da PE. Foi ainda possível explorar informação sobre as forças cinotécnicas de Espanha.

No que diz respeito à fase analítica, efetuou-se uma análise qualitativa em que se recorreu a entrevistas⁹ para a recolha de dados (Santos, et al., 2019). As entrevistas foram de grau semiestruturado uma vez que não houve abertura total para resposta, mas também não foram rigorosas como as entrevistas estruturadas nem totalmente inflexíveis como as entrevistas não-estruturadas.

Após a recolha de dados qualitativos por meio das entrevistas, foi realizada uma transcrição integral e uma posterior análise de conteúdos com o apoio do software NVivo. A análise foi efetuada através de codificação temática, onde foram identificadas categorias relacionadas com os objetivos da investigação. Cada excerto relevante foi codificado com base no seu conteúdo.

A análise de conteúdo permitiu compreender o processo de geração de forças cinotécnicas, identificar as suas principais capacidades e explorar as diversas formas de emprego operacional. Além disso, possibilitou verificar de que maneira estas forças atuam como um multiplicador do potencial de combate, contribuindo para a eficácia e a superioridade operacional no contexto militar.

O método científico é o “conjunto de processos ou operações mentais que devemos empregar na investigação. É a linha de raciocínio adotada no processo de pesquisa” (Prodanov & Freitas, 2013, p.24).

No contexto desta investigação, é adotado o Estudo de Caso como metodologia principal. Este método baseia-se na recolha de um conjunto de entrevistas e documentos

⁸ A metodologia qualitativa permite captar as dinâmicas subjetivas que influenciam o fenómeno em estudo, não se limitando a uma abordagem quantitativa, mas considerando a interação e a perceção dos envolvidos (Santos et al., 2019, p. 45)

⁹ É uma forma de obter “informações do entrevistado sobre determinado assunto ou problema” (Prodanov & Freitas, 2013, p.106)

como fontes primárias de evidência. Conforme afirma Yin (2004), as entrevistas representam uma das principais fontes de informação para a condução de um estudo de caso, assumindo um papel essencial na obtenção de dados relevantes para a análise.

A realização das entrevistas reveste-se de especial importância para o desenvolvimento do estudo e para o cumprimento dos objetivos estabelecidos. Para tal, é fundamental selecionar entrevistados que possuam conhecimento aprofundado sobre o tema, permitindo-lhes oferecer percepções e interpretações fundamentadas sobre a problemática em análise. Ademais, é igualmente relevante que, de acordo com as funções que desempenham, os entrevistados possam fornecer dados concretos e experiências operacionais que contribuam de forma significativa, para a obtenção de resultados que sustentem as conclusões do estudo.

Segundo Yin (2004), embora as entrevistas sejam uma fonte essencial de evidências, estão suscetíveis a imprecisões, dificuldades na articulação de ideias e a subjetividade na interpretação dos dados. Para minimizar estas limitações e reforçar a credibilidade das informações recolhidas, recorre-se à triangulação de dados.

A triangulação de dados consiste na utilização de múltiplas fontes de informação para validar e corroborar as evidências obtidas através das entrevistas. Este processo permite contrastar perspetivas e reduzir possíveis enviesamentos, assegurando uma análise mais objetiva e fundamentada. Assim, quanto maior for o número de fontes utilizadas, maior será a validade e fiabilidade das conclusões extraídas da investigação.

5.3. Modelo de Análise¹⁰

Para garantir uma abordagem estruturada na investigação, foi desenvolvido um Modelo de Análise específico para avaliar a capacidade, emprego e impacto das forças cinotécnicas da Polícia do Exército (PE), no âmbito do Exército, EMGFA e dos mecanismos de resposta da OTAN e da União Europeia. Este modelo baseia-se na identificação de dimensões-chave, permitindo a sistematização e categorização dos dados recolhidos, conforme recomendado por Bardin (2011), na análise de conteúdo.

A aplicação deste modelo permitiu estruturar a análise dos dados recolhidos, comparando as capacidades das forças cinotécnicas portuguesas, com as práticas de outros exércitos congéneres. Como afirmam Quivy & Campenhoudt (1995), a utilização de um modelo analítico bem definido facilita a interpretação dos dados, garantindo que a

¹⁰ Consultar Apêndice A – Modelo de Análise

investigação não se limite a descrições isoladas, mas permita estabelecer relações e formular recomendações aplicáveis à realidade operacional.

Dessa forma, este modelo não só orientou a análise das entrevistas e documentos recolhidos, como também proporcionou um enquadramento claro, para avaliar a necessidade e o impacto da geração de forças cinotécnicas nos mecanismos de resposta da OTAN e da UE.

Por fim, a construção deste modelo não se limitou a uma análise descritiva, mas procurou criar um referencial aplicável à doutrina operacional das Forças Armadas Portuguesas, permitindo que as conclusões deste estudo possam contribuir para decisões futuras no planeamento e emprego das forças cinotécnicas em operações militares internacionais.

5.4. Pergunta de Partida e Perguntas derivadas

A aplicação do Modelo de Análise foi fundamental para a formulação das questões de investigação, permitindo uma abordagem estruturada e coerente na exploração do tema.

Face ao exposto, com este trabalho pretende-se “Compreender o processo de geração e emprego de forças cinotécnicas da Polícia do Exército”, com o qual será possível responder à seguinte PP: “Como otimizar o processo de geração de forças para maximizar o emprego das equipas cinotécnicas da Polícia do Exército?”, conforme apresentado na tabela 1.

De forma a responder à PP, e de encontro aos objetivos definidos, foram formuladas PD, para responder aos OE, como representado na tabela 2.

Tabela 1: Objetivo Geral e Pergunta de Partida

OBJETIVO GERAL	PERGUNTA DE PARTIDA
OG: Compreender o processo de geração e emprego de forças cinotécnicas da Polícia do Exército.	PP: Como otimizar o processo de geração de forças para maximizar o emprego das equipas cinotécnicas da Polícia do Exército?

Tabela 2: Objetivos Específicos e Perguntas Derivada

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PERGUNTAS DERIVADAS
OE1: Identificar em que operações militares podem ser empregues os cães do Regimento de Lanceiros nº2.	PD1: Em que operações militares, no âmbito da Polícia do Exército podem ser empregues os cães do Regimento de Lanceiros N.º 2?
OE2: Analisar quais as missões e tarefas atribuídas às forças cinotécnicas da PE no Exército, Forças Armadas e no mecanismo de resposta da OTAN e UE.	PD2: Quais as missões e tarefas atribuídas às equipas cinotécnicas no Exército, Forças Armadas e nos mecanismos de respostas da OTAN e UE?
OE3: Analisar o caso de estudo das forças cinotécnicas do Exército Espanhol.	PD3: Que observações e boas práticas retiramos do processo de geração e emprego de forças cinotécnicas da Polícia Militar Espanhola?

5.5. Técnica de recolha de dados

Como afirmam Quivy & Campenhoudt (1995), a recolha de dados numa investigação qualitativa deve permitir analisar o fenómeno em profundidade, garantindo a fiabilidade das informações e a validade das interpretações.

O Estudo de Caso realizado nesta investigação, centra-se na análise do emprego das forças cinotécnicas no contexto militar, com especial enfoque no seu papel, no Exército, no Estado-Maior General das Forças Armadas (EMGFA) e nos mecanismos de resposta da OTAN e da UE. Este estudo permitirá examinar as capacidades operacionais dos binómios cinotécnicos, bem como as condições e desafios da sua integração em missões militares. Para tal, será conduzida uma pesquisa documental e bibliográfica, tanto a nível nacional como internacional, sobre o emprego de forças cinotécnicas em operações militares.

A recolha de informação para esta investigação foi realizada através de pesquisa documental e pesquisa bibliográfica, permitindo um enquadramento teórico e contextual aprofundado sobre o emprego das forças cinotécnicas da Polícia do Exército. Segundo Gil (2008), a pesquisa documental recorre a material que ainda não passou por um tratamento analítico, enquanto a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de fontes já organizadas, tais como livros e artigos científicos.

Foram ainda usadas, entrevistas como técnica de recolha de dados, com consentimento¹¹ do entrevistado.

Na condução das entrevistas formais, deu-se sempre prioridade às entrevistas presenciais, de forma a possibilitar uma interação mais direta e aprofundada com os entrevistados. No entanto, devido a indisponibilidade dos participantes ou dificuldades logísticas, recorreu-se, como alternativa, à obtenção de respostas por meio de e-mail, garantindo assim a recolha das informações necessárias para a investigação.

5.6. Caracterização da Amostra

A seleção da amostra¹² teve por base, a relevância operacional e a experiência operacional dos participantes, procurando garantir uma representação diversificada das várias dimensões operacionais e estruturais, associadas a esta capacidade. Assim, foram incluídos militares com funções ligadas à cinotécnica, bem como, oficiais envolvidos no planeamento e comando de forças operacionais, com integração ou possível integração de binómios.

A recolha de dados, realizou-se através de cinco guiões diferentes, desenhados para recolher diferentes perspetivas:

- Guião A - Dirigido aos militares com funções no módulo cinotécnico do RL2, com o intuito de recolher informações detalhadas sobre o treino, a formação, o emprego operacional e as dificuldades do dia-a-dia.
- Guião B - Dirigido ao Comandante da FRI, com o objetivo de analisar o papel na integração prevista das equipas cinotécnicas nesta força conjunta em prontidão, de acordo com a diretiva operacional. Pretendeu-se compreender os motivos que têm impedido a sua plena implementação.
- Guião C - Dirigido ao Comandante da MPCoy/EUBG, com o objetivo de compreender a preparação e enquadramento das forças cinotécnicas nos mecanismos de resposta rápida da União Europeia.
- Guião D - Dirigido ao Comandante da DAE, a escolha justifica-se pelo facto de os Fuzileiros/DAE, serem a única força com forças cinotécnicas efetivamente projetadas, permitindo obter uma perspetiva prática sobre o seu valor operacional, nos mecanismos de resposta rápida da OTAN.

¹¹ Consultar Apêndice C – Protocolo de consentimento informado

¹² Consultar Apêndice B – Caracterização da amostra

- Guião E – Dirigido ao Chefe de Secção Cinológica do Exército Espanhol, com o objetivo de recolher boas práticas e aprofundar o conhecimento sobre o modelo de organização, formação e emprego dos binómios cinotécnicos.

Esta estrutura permitiu recolher dados diversificados, fundamentais para dar resposta às PD e à PP, assegurando uma visão prática e estratégica da realidade do módulo cinotécnico da PE.

CAPÍTULO 6- APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DE RESULTADOS

6.1. Enquadramento

Neste capítulo serão apresentados os principais resultados obtidos às análises das entrevistas, complementadas com a análise documental. A informação foi tratada com o apoio do software NVivo, permitindo identificar os temas centrais. A análise, seguiu o princípio da triangulação, em que consistiu na combinação de várias fontes de informação com o objetivo de reforçar as consistências das evidências recolhidas. A apresentação dos resultados, está organizada por tópicos temáticos que refletem as áreas-chave da investigação.

6.1.1. Missões e Emprego Operacional das Forças Cinotécnicas da Polícia do Exército

As Entrevistas Realizadas, em particular através do guião A, revelaram um padrão nas respostas relativamente às capacidades das equipas cinotécnicas, sendo assim possível identificar três grandes áreas de atuação: deteção de estupefacientes, uso da força e deteção de explosivos. Estas capacidades são frequentemente usadas em ações de segurança, demonstrações públicas e no âmbito do Programa de Prevenção dos Comportamentos Aditivos e Combate às Dependências nas Forças Armadas (PPCACDFA).

Os dados recolhidos, confirmam que a deteção de estupefacientes é a capacidade mais utilizada nas missões diárias do GPE. Este padrão de utilização diária desta capacidade é coerente com o previsto na doutrina que identifica a deteção de estupefacientes como uma das valências principais dos binómios cinotécnicos (Exército Português, 2020)

Para além da valência anterior, os cães do uso da força são utilizados em missões de segurança, tais como: nos dias de Portugal ou do Exército. O E3 afirma que “sempre que há necessidade de empenhar uma equipa da Polícia do Exército, é considerado o emprego dos cães na missão, nomeadamente em contextos como controlo de tumultos ou operações em áreas edificadas”, ou seja, é possível verificar a integração de binómios em missões de patrulhamento, em atividades de defesa de infraestruturas e integração em exercícios operacionais. No entanto, alguns entrevistados, revelaram que nem sempre o módulo cinotécnico recebe o destaque necessário por falta de conhecimento e por essa razão são muitas vezes deixados fora do planeamento e como revela o E7, é necessário um esforço

maior para os militares do módulo cinotécnico para criarem situações de treino para os cães, de forma que estes sejam incluídos nos exercícios táticos.

Apesar das possibilidades de emprego, os dados sugerem uma subutilização das equipas cinotécnicas, facto constatado por Mataloto (2019), que alerta para o facto dos binómios do GPE, apesar das suas variadas capacidades, são raramente utilizados por fatores logísticos. Como constatado pelo E5, o apoio da instituição, concentra-se em ações de demonstração, em detrimento de treinos mais exigentes.

6.1.2. Seleção, Treino e Formação dos Binómios Cinotécnicos do RL2

A análise às Entrevistas realizadas através do Guião A, revelaram que o processo de seleção dos cães militares, segue um modelo formal e estruturado através de concurso públicos a criadores especializados. A maioria dos entrevistados revelaram, que os cães são submetidos a testes específicos de comportamento e instinto, com vista a avaliar critérios operacionais tais como: predisposição para a mordida, interesses pelo brinquedo e capacidades de concentração a estímulos auditivos. Este processo é conduzido por Sargentos do módulo cinotécnico. O E4 ainda afirma a presença de militares da Clínica Militar Veterinária neste processo de seleção, tal como previsto no (Exército Português, 2020).

Relativamente à formação dos tratadores/condutores, verificam-se dois percursos distintos: as praças e os sargentos contratados, frequentam o curso de condutor de cães militares na Escola de Tropas Paraquedistas, enquanto só graduados dos Quadros Permanentes, realizam formação especializada na GNR, nomeadamente, o curso de Segurança e Intervenção e Detecção de Estupefacientes. Segundo os Entrevistados o curso da GNR, tem permitido assegurar uma base sólida de formação técnica, no entanto o curso ministrado na Escola de Tropas Paraquedistas, não dá às Praças a formação correspondente às exigências operacionais. Neste sentido, o E1, adianta que está em fase de desenvolvimento, a criação do Curso de Operador Cinotécnico de PM, com uma duração de dois meses, destinado a acelerar a integração de novos militares no módulo e contribuir para uma formação mais específica, para as missões desenvolvidas pelo módulo cinotécnico.

Segundo os entrevistados, os cães passam por duas fases durante o seu treino. Numa primeira fase, os cães realizam o seu treino base onde adquirem competências fundamentais, tais como a obediência, condição física e são apresentados ao mundo em geral. Só após esta fase, que tem uma duração de entre 12 e 18 meses, é que o cão vai integrar as forças do módulo cinotécnico. Esta estrutura segue o modelo padronizado na doutrina (Exército

Português, 2020). Os cães são preparados diretamente no Regimento, sendo acompanhados pelos tratadores durante o processo de formação dos mesmos, o que contribui para a ligação funcional entre ambos. Segundo o E5 “o treino conjunto desde o início, facilita a adaptação e eficácia operacional”. No entanto, a falta de continuidade dos militares no módulo cinotécnico, foi identificada com um dos maiores obstáculos à consolidação desta ligação entre cão e Homem. Neste aspeto o E6 refere que “estamos constantemente a trocar de militares no módulo e é muito difícil desta maneira atingir estes padrões”, revelando a falta de estabilidade como um entrave ao progresso. Posto isto, a solução dada por vários entrevistados foi a criação de carreiras horizontais para os militares dos quadros permanentes e de contratos especiais para os militares contratados.

De um ponto de vista técnico, alguns entrevistados revelam dificuldades na especialização, como falta de militares com o curso de figurante, este que é essencial para treinar cães de uso da força ou até mesmo escassez de material adequado.

6.1.3. Infraestruturas e Sustentação

As infraestruturas e os meios de apoio logístico são um fator decisivo para o bem-estar e operacionalização dos cães. O PDE 0-20-18, estabelece normas claras no que toca ao alojamento, transporte e treino enfatizando que o bem-estar animal é muito importante para o seu rendimento funcional. Os alojamentos devem assegurar espaços adequados com isolamento térmico, áreas higienizáveis, ventilação e acesso à água potável (Exército Português, 2020). Apesar disso, através das entrevistas foi possível aferir que as infraestruturas que estão atualmente disponíveis para alojamento, transporte e treino dos canídeos são insuficientes e/ou em vários casos bastante danificadas, o que compromete o desempenho dos binómios e o bem-estar animal.

O E5, afirma que “em dias de chuva, é impossível treinar, e por vezes temos de improvisar nas camaratas”, o que evidencia a ausência de espaços cobertos. O E3 referiu que “antigamente havia uma parada de instrução com cenários montados para treino que neste momento já não existe”. Já o E6, lamentou a falta de estruturas tais como, as evidenciadas por forças amigas: “faltam-nos cenários como um hangar, como acontece em Espanha”.

Os canis apresentam preocupações sérias. Segundo o E7 revela “os canis já não dispõem de bebedouros automáticos e a assistência aos cães, limita-se ao horário das 08:00 às 18:00”. O E2 acrescentou “quando chove, os cães ficam molhados nos canis, o que não é o ideal para o seu bem-estar”. A doutrina prevê que os canis tenham isolamento térmico,

escoamento e condições higiénicas adequadas, algo que os tratadores não confirmam que esta norma esteja a ser cumprida (Exército Português, 2020).

No que toca a transporte, a viatura utilizada é a L200, que não é a mais adequada, facto corroborado pelos entrevistados. A NATO (2018b), especifica que os cães devem ser transportados em compartimentos climatizados e adaptados com acompanhamento técnico. O E5, explica que “quando há necessidade de permanecer fora, os cães dormem nas transportadoras ou acompanham os tratadores nos quartos, o que não é o ideal”.

Apesar das dificuldades, os entrevistados consideram que o apoio veterinário é eficaz, este apoio é assegurado pela Clínica Veterinária de Canídeos, conforme estipulado (Exército Português, 2020).

A falta de investimentos e da manutenção das infraestruturas é apontado por vários entrevistados como um dos principais entraves à evolução. O E2, revela que “falta-nos muito investimento, para podermos afirmar que temos estruturas específicas para treino”. Posto isto e reforçando a ideia de Oliveira (2016), sem condições físicas adequadas e apoio continuado, os cães não atingem o seu potencial funcional em contexto militar.

6.1.4. Certificação e Avaliação

A certificação dos binómios constitui um passo importante para a consolidação da cinotécnia no Exército Português. A doutrina estabelece que os binómios devem ser avaliados de forma periódica, para o cumprimento das missões atribuídas (Exército Português, 2020). A NATO (2018b), doutrina aliada, reforça a necessidade de existir capacidades padronizadas para os cães militares, sendo assim a certificação um requisito básico para a integração em forças multinacionais. No entanto, todos os entrevistados afirmaram que este processo não está formalizado no Exército Português e que esta ausência compromete a credibilidade das nossas capacidades cinotécnicas.

Todos os entrevistados afirmaram a inexistência de qualquer modelo de certificação. O E1, afirma que “não existe previsto uma certificação para os binómios cinotécnicos”. Já o E6, reforça a ideia que “embora a PDE, refira que os binómios devem ser certificados, na prática essa certificação ainda não se concretiza”. O E7, acrescenta que a lacuna já foi identificada e que “se pretende implementar algo com os Paraquedistas, mas ainda não foi operacionalizado”.

O E4, descreve esta ausência de forma clara “não existe qualquer processo que indique a prontidão dos binómios, dentro de critérios predefinidos, o que deveria ser

corrigido”. Este defende que é necessário um modelo de avaliação que permita validar o binómio. Segundo este entrevistado, a falta de certificação compromete a confiança dos comandantes, colocando em causa a decisão de empregar os meios cinotécnicos: “Não deverá o comandante daquela força ter garantias sobre a ferramenta que passou a estar à sua disposição? Pessoalmente, creio que sim”.

Esta falta de certificação mete em causa o nosso reconhecimento externo. O E5, afirma “caso fosse necessário atuar com cães em missões internacionais, os binómios não possuem certificações reconhecidas a nível internacional, o que representa uma significativa lacuna”. Esta limitação coloca em causa a participação dos binómios em forças como a OTAN, ou da EU.

Alguns dos entrevistados revelam possíveis caminhos a tomar para colmatar esta falha. O E2, indicou que “a certificação deveria ficar a cargo da Inspeção-Geral do Exército”. O E2 e alguns outros entrevistados, revelam a importância de estabelecer parcerias com outras forças nacionais, como por exemplo a GNR, de forma a desenvolver um modelo de certificação conjunto.

Além da certificação, a avaliação periódica dos binómios foi apontada como ausente ou pouco praticada. O E4, afirma que “até um passado recente, o desempenho dos binómios era apenas monitorizado pela sua performance em treino, e em alguns exercícios” revelando que não existem indicadores objetivos para standardizar comportamentos. Vários entrevistados defendem a implementação de um modelo com critérios claros, periodicidade e validação externa, o que permitira reforçar a qualidade cinotécnica e garantir validação internacional.

Posto isto, é possível inferir que a certificação e avaliação dos binómios é uma das principais lacunas no atual modelo de emprego das forças cinotécnicas. Apesar de já ter sido revelada esta fragilidade ainda não foram implementados mecanismos que permitam garantir a aptidão técnica e operacional dos binómios de forma regular.

6.1.5. Integração na FRI

A integração de forças cinotécnicas na FRI, representa uma ambição estratégia do Exército Português, tal como refere o E9, no sentido de reforçar a capacidade de resposta rápida a crises humanitárias, onde os cães, graças ao seu olfato altamente desenvolvido, são ferramentas insubstituíveis para localizar pessoas desaparecidas ou soterradas.

A FRI, enquanto força conjunta sobre o comando do CEMGFA, é constituída por membros dos três ramos com prioridade de atuação externa, como previsto na Diretiva Operacional n.º 004/CEMGFA/2018. Essa diretiva contempla explicitamente a necessidade da disponibilidade imediata de um módulo cinotécnico com valência de busca e salvamento.

Neste contexto, o potencial das forças cinotécnicas é reconhecido doutrinariamente na valência de busca e salvamento. Os cães corretamente treinados atuam como verdadeiros multiplicadores do potencial de combate (Mataloto, 2019). Contudo, essa valorização estratégica ainda não se encontra materializada de forma plena no planeamento e na estrutura funcional da FRI.

Do cruzamento de dados, entre revisão de literatura e dados empíricos recolhidos através das entrevistas, surgiram três fatores que condicionam a integração destas forças:

- 1º- Ausência de cães com a valência de busca e salvamento;
- 2º- Falta de formação para os tratadores;
- 3º- Inexistência de infraestruturas de treino compatíveis com os requisitos para esta valência.

O E1, por exemplo, salienta que sem recursos humanos e materiais adequados, a equipa cinotécnica destinada à FRI, não pode cumprir a sua missão. O E5 e o E7, acrescentam que mesmo quando existe a intenção de empregar binómios, a inexistência de formação específica ou de certificação, compromete a segurança da equipa e a eficácia da mesma.

Além disso, os entrevistados referem que, a elevada rotatividade dos militares no módulo cinotécnico, limitam a continuidade técnica das equipas e impedem o desenvolvimento de uma cultura operacional especializada.

A doutrina aliada, expressa em documentos como a NATO (2018a), que as gerações de forças para missões de resposta rápida, devem garantir interoperabilidade e credibilidade operacional. Ora, como referem vários entrevistados, incluindo o E9 (Comandante da FRI), apesar da inclusão formal de binómios nos documentos de planeamento, a sua operacionalização é meramente teórica. A sua ausência prática nas missões, resulta de um défice estrutural que precisa ser colmatado.

6.1.6. Integração na MPCoy

A integração de binómios cinotécnicos na MPCoy, atribuída à EUBG 25-2/26-1, representa um avanço no reconhecimento da capacidade cinotécnica no mecanismo de

resposta rápida da EU. Segundo o E10, a decisão de incluir uma equipa cinotécnica na força, surgiu de uma proposta interna do comando da MPCoy, com base em experiências de emprego de cães noutras teatros (e.g, ISAF-Afeganistão) e da sua mais-valia operacional, sendo esta considerada “um fator multiplicador do potencial de combate da nossa força, com especial relevância nas funções de segurança e detenção”.

Segundo o E11, o emprego dos cães está pensado para um vasto leque de situações operacionais, como o controlo de tumultos onde os cães funcionam como elementos dissuasores e, caso necessário, como instrumentos de intervenção menos letal. Sublinha ainda que “em contextos como revistas, se um indivíduo se colocar em fuga, o cão pode intervir de forma eficaz”, dando ainda importância ao seu uso em operações de estabilização ou de apoio à paz, onde o uso de armas de fogo pode ser evitado com a ação dos cães. A sua presença, provoca uma pressão psicológica nos insurgentes e aumenta a segurança em patrulhas.

Em termos logísticos, foi assegurado o enquadramento dos binómios no plano de projeção da força. Em caso de necessidade ir-se-á recorrer aos canis de campanha. O apoio veterinário será garantido pelo Agrupamento Sanitário, assegurando o bem-estar dos cães ao longo da missão. A nível de projeção, está prevista a sua integração em qualquer meio terrestre, aéreo ou marítimo, assim como os restantes militares da companhia.

O E11, afirmou que já foram e ainda serão realizados treinos conjuntos com outras forças, o que permite testar a eficácia dos binómios. Reconhece que um dos principais desafios, são a falta de recursos humanos e o número reduzido de canídeos, e acredita que a EUBG, pode ser um fator determinante para o reconhecimento da importância da cinotécnica no seio das Forças Armadas, afirmando: “Espero sinceramente que desta EUBG, se tirem várias conclusões, uma delas, que a PM é importante e que os cães são uma mais-valia nas Forças Armadas.”.

6.1.7. O caso Espanhol

A experiência do Exército Espanhol na cinotécnica evidencia boas práticas institucionais que podem ser adaptadas ao modelo português, especialmente no que respeita à estrutura, certificação e valorização das equipas cinotécnicas.

A descentralização do *Pelotón* Cinotécnico espanhol, garante uma cobertura territorial eficaz e uma maior capacidade de resposta. Esta realidade foi referida pelo E11, responsável da secção cinológica, como essencial para o apoio às operações de alta

prontidão. Em contraste, os E1 e E4, referem que a estrutura nacional está centralizada, o que dificulta projeção rápida dentro do território Nacional.

Outro elemento que se destaca; é a existência da *Escuela Cinológica de la Defensa*, que assegura toda a formação dos cães. Este processo foi apontado pelo E2 e o E5, como referência a seguir, visto que o Exército não possui um centro de especialização próprio. Tal como referido no capítulo 4, os cães Espanhóis são submetidos a certificações periódicas. Este sistema, permite garantir que todos os binómios cumprem os requisitos operacionais definidos para cada especialidade. O E11, sublinha que “cada cão tem um plano adaptado à sua fase de treino”, e que os cães têm avaliações anuais. Esta prática está em consonância com as diretrizes da NATO (2018a), que definem a certificação como requisito à integração em forças como a NRF ou EUBG.

A carreira contínua, foi outro ponto sublinhado nas entrevistas. O E3 e o E5, defendem que a estabilidade na relação entre tratador e cão, garantida por uma carreira horizontal, é fundamental para a eficácia operacional. Esta ideia é reforçada pelo E2, que alerta para os riscos de rotatividade excessiva, prejudicando o vínculo entre os elementos do binómio.

No que diz respeito às infraestruturas, o E6 e o E7, reconhecem as condições superiores de treino e de alojamento existentes em Espanha, com cenários simulados de treino e canis climatizados.

É de grande importância revelar a grande competência técnica dos binómios Portugueses. Diversos entrevistados, destacam que os cães portugueses trabalham “ao nível dos espanhóis”, no que toca ao treino, eficácia e obediência operacional. Isto demonstra que, apesar de constrangimentos estruturais e institucionais, o esforço dos tratadores e a qualidade do treino proporcionado, têm garantido um desempenho operacional sólido, que merece reconhecimento e consolidação.

A cultura Espanhola surge como um elemento central nesta análise. Em Espanha a cinotécnica é reconhecida, com percurso profissional próprio. Esta cultura institucional valoriza o conhecimento acumulado e a contínua ligação entre homem e cão. Em contraste os vários entrevistados lamentam a rotatividade obrigatória. O E5, defende que Portugal deveria “adotar uma carreira horizontal”, permitindo que os militares se mantenham na área durante todo o tempo útil do cão.

Finalmente, é de destacar o reconhecimento operacional que os binómios têm no Exército Espanhol. O E11, revelou um exemplo em concreto, como a deteção de explosivos no Iraque, que evitaram ataques a forças aliadas. Este relato, confirma o valor tático da

capacidade, mas também contribuiu para reforçar a sua legitimidade institucional e investimento contínuo. Tal valorização, contrasta a realidade vivida pelos entrevistados nacionais que reportam: a ausência de projeção internacional dos binómios, o escasso investimento em infraestruturas e a falta de visibilidade estratégica.

6.1.8. Cães como multiplicadores do Potencial de Combate

Os entrevistados, de forma geral, revelaram que os binómios cinotécnicos são um multiplicador do potencial de combate, não apenas pela sua eficácia, mas também pela capacidade de reduzir os riscos operacionais e aumentar a moral dos militares.

Um dos domínios onde esta mais-valia é evidente; é na deteção de estupefacientes, sobretudo no Plano de Prevenção e Combate aos Comportamentos Aditivos nas Forças Armadas. Como refere o E3 “sem os cães seria impossível cumprir a Diretiva 25/2000 do VCEME, dada a sua capacidade de deteção e o alcance das ações realizadas” esta visão foi revelada por diversos entrevistados, como o E2, que afirma “a nível de estupefacientes, os cães são decisivos. Sem eles, seria impossível para o ser humano detetar estupefacientes”. Esta perceção está em consonância com o Mataloto (2019), que afirma que os binómios cinotécnicos realizam de forma regular buscas a várias unidades do Exército contribuindo para a prevenção e disciplina, com um grau de eficácia que não pode ser replicado pelo ser humano.

No que diz respeito ao controlo de tumultos, os cães surgem como elementos de dissuasão. O E6, refere que “no controlo de tumultos, os cães atuam como dissuasores, evitando a escalada da violência”, o E1, reforça que “em tarefas de segurança, o cão é um elemento dissuasor”. Apenas a presença do binómio pode evitar a necessidade de força letal, contribuindo para a manutenção da ordem. Esta função está alinhada com a doutrina NATO (2018a), que reconhece o impacto psicológico dos cães como alternativa menos letal.

Os cães são cada vez mais reconhecidos pela sua importância tática, em operações de combate urbano e em áreas edificadas. O E7 explicou que “em muitas situações, o cão consegue ultrapassar as capacidades do homem. Em áreas edificadas, faz toda a diferença ser o cão a entrar primeiro. Não é o mesmo perder um cão ou um militar”; este aspeto demonstra que os binómios podem atuar como elementos de proteção da força, mitigando riscos.

Os fuzileiros/DAE, ao enviar uma força para a Lituânia no presente ano de 2025, demonstraram a sua importância operacional. O E8, afirma que os binómios cinotécnicos

permitem aumentar a eficácia e rapidez das operações dos Fuzileiros e do Destacamento de Ações Especiais; e revela que “com o auxílio de um cão militar, uma inspeção a um navio pode ser concluída em 2 a 3 horas, enquanto uma equipa sem cão demora um dia”. Esta eficiência, traduz-se numa otimização de recursos e também na redução de tempo de exposição dos militares a potenciais ameaças, uma clara vantagem em ambientes hostis.

O E8, revela também que os cães militares conseguem “detetar a presença humana a 300 metros, o que permite antecipar movimentações inimigas”, o binómio consegue reforçar a vigilância e a capacidade de reação da força. Também em áreas edificadas, o E8, apontou que com o recurso aos cães, conseguem fazer este trabalho em apenas 3 horas, um processo que se fosse realizado por apenas militares iria demorar 1 dia inteiro.

Apesar destas evidencias, foi identificado um défice na valorização desta capacidade. O E5, apontou que “habitualmente, os cães são utilizados apenas em contextos de demonstração”, e que mesmo que seja necessário a atuação do cão “não existe ainda umas ROE específicas. Esta lacuna, compromete o aproveitamento da capacidade cinotécnica em operações reais.

Os entrevistados reconhecem o valor desta capacidade e que esta deve ser vista como uma ferramenta essencial, insubstituível no apoio às Forças Armadas. O E1, defende que “temos de olhar para as forças cinotécnicas como um multiplicador de potencial de combate”.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Como mencionado na introdução deste Trabalho de Investigação Aplicada, a presente investigação surgiu da necessidade de compreender melhor o papel das forças cinotécnicas da Polícia do Exército, sendo que a sua valorização e integração ainda não se encontram totalmente consolidadas. Apesar da existência da Cinotécnia na Polícia do Exército, existem lacunas ao nível de formação, certificação, infraestruturas e continuidade dos militares na carreira, o que compromete o seu aproveitamento.

Neste sentido, o trabalho teve como objetivo analisar o processo de geração e emprego das forças cinotécnicas da Polícia do Exército, de forma a compreender as suas capacidades, limitações e potencial, enquanto multiplicador do potencial de combate. Para isso, a investigação procurou ainda analisar a integração desta valência na FRI, bem como a sua presença na MPCoy, da EUBG e da NRF. Por fim, foi explorado esta capacidade no Exército Espanhol, permitindo analisar boas práticas adotadas por outra força de Polícia Militar com uma maior robustez na área.

Através de análise documental e da realização de entrevistas a diversos militares, foi possível recolher dados significativos e responder de forma fundamentada às questões de investigação.

Deste modo, sobre a PD1, **“Em que operações militares, no âmbito da Polícia do Exército, podem ser empregues os cães do Regimento de Lanceiros n.º 2?”**, conclui-se que os cães do RL2, são atualmente empregues em múltiplas operações de natureza prática, tanto em território nacional como potencialmente no contexto internacional.

Em território nacional, o seu emprego mais recorrente é no âmbito do Plano de Prevenção dos Comportamentos Aditivos e Combate às Dependências nas Forças Armadas, com ações regulares em Unidades/Estabelecimentos/Órgãos do Exército. Esta função está bem consolidada, sendo considerada essencial para o controlo dos consumos ilícitos.

Complementarmente, os binómios do uso da força são utilizados em operações de segurança pública interna, como controlo de tumultos e segurança a eventos. Nestes cenários os cães funcionam como elementos dissuasores, reforçando a autoridade sem a necessidade de aumentar o efetivo.

No contexto internacional, os binómios podem ser integrados em operações de resposta rápida, como a NRF, EUBG, ou a FRI. No entanto, a sua integração em forças

projetáveis tem sido limitada, sobretudo por dificuldades estruturais, como ausência de certificação, carência de treino específico e infraestruturas deficitárias.

Posto isto, verifica-se que o potencial operacional dos cães é reconhecido, mas a sua plena projeção para cenários internacionais, exige investimento estratégico e institucionalização da sua capacidade no processo de geração de forças.

No que diz respeito à PD2: **“Quais as missões e tarefas atribuídas às equipas cinotécnicas no Exército, EMGFA e no mecanismo de resposta da OTAN e UE?”**, conclui-se que as equipas cinotécnicas têm vindo a afirmar-se como uma capacidade com valor operacional. No âmbito do Exército, os cães são usados diariamente no Plano de Prevenção dos Comportamentos Aditivos e Combate às Dependências nas Forças Armadas, onde se têm mostrado insubstituíveis na deteção de estupefacientes.

No âmbito do EMGFA (Forças em Prontidão), estas estão contempladas na FRI, com a valência de busca e salvamento. Ainda assim, a sua integração está condicionada por constrangimento ao nível de aquisição de canídeos, formação, certificação e infraestruturas disponíveis para garantir a sua sustentação. Já ao nível da OTAN e da EU, os mecanismos de reposta rápida, exigem que as capacidades nacionais estejam devidamente certificadas. Neste contexto, a certificação dos binómios é essencial para garantir a prontidão em missão, contudo, esta ainda não está instituída no Exército Português, apesar de prevista na doutrina. A inexistência de um processo regular de avaliação e certificação dos binómios, levanta preocupações quanto à fiabilidade dos binómios, especialmente em cenários mais exigente, ou em contexto internacional.

Ademais, a limitação de infraestruturas, escassez de recursos materiais e a rotatividade frequente, dificultam a consolidação desta valência para cenários internacionais. A ausência de instalações próprias para treino específico, reduz o realismo da instrução e o seu valor formativo.

Quanto à PD3: **“Que observações e boas práticas retiramos do processo de geração e emprego de forças cinotécnicas da Polícia Militar Espanhola?”**, um dos aspetos mais distintivos é a permanência dos militares durante a carreira na área cinotécnica, promovendo a especialização e a estabilidade das equipas cinotécnicas. Esta cultura organizacional valoriza os militares da área, caracterizando-os como especialistas e técnicos na área. Por outro lado, a estrutura Espanhola apresenta uma distribuição descentralizada, com equipas cinotécnicas em todas as brigadas do Exército Espanhol, garantindo melhor cobertura territorial. Em termos de treino e avaliação, destaca-se a existência de planos mensais para cada binómio, com certificações obrigatórias e periódicas.

Ao nível logístico e das condições de infraestruturas, o modelo espanhol revela maior preocupação com o bem-estar animal, com instalações climatizadas, zonas de treino com cenários. A aposta nesta área é acompanhada com investimentos contínuos em material.

Por fim, é de sublinhar a integração dos binómios em missões internacionais, evidenciando o reconhecimento institucional da sua importância, enquanto multiplicadores do potencial de combate.

Após respondidas todas as PD, é necessário responder à PP da presente investigação: **“Como otimizar o processo de geração de forças para maximizar o emprego das equipas cinotécnicas da Polícia do Exército?”**. A análise desenvolvida ao longo do trabalho permitiu concluir, que apesar desta capacidade já existir há vários anos no RL2, o seu emprego e valorização continuam a enfrentar vários desafios, comprometendo a sua consolidação enquanto força essencial às operações militares. Apesar de se reconhecer o seu valor tático dos binómios, especialmente nas áreas de deteção de estupefacientes e do uso da força, a sua plena integração no **processo de geração de forças** permanece limitada por três áreas distintas; a formação, certificação e infraestruturas.

A formação dos tratadores constitui uma das áreas a melhorar, nomeadamente pela ausência de um curso específico da PE e pela rotatividade dos militares no módulo cinotécnico. Estas dificuldades, comprometem a consolidação de competências e a ligação entre tratador e cão. O atual modelo de formação dado no RPara às praças, por si só não assegura a especialização necessária, o que torna essencial uma abordagem estruturada adaptada às missões da PE, tal como o modelo de formação dado pela GNR, aos militares do Exército dos Quadros Permanentes. A criação de um modelo formativo específico, aliado à criação de uma carreira horizontal para os militares dos quadros permanentes e de um Regime de Contrato Especial para praças, permitiria consolidar competências e estabilizar as equipas cinotécnicas, garantindo maior eficácia operacional.

A inexistência de um sistema formal de certificação, apesar de previsto na doutrina (Exército Português, 2020), representa uma lacuna significativa. Esta ausência compromete a sua credibilidade em operações conjuntas internacionais. Um modelo de certificação e avaliação periódica, permitiria assegurar a prontidão e fiabilidades dos binómios.

Verifica-se também que as infraestruturas e os meios disponíveis não são compatíveis com as exigências operacionais. A degradação dos canis, a ausência de cenários realistas de treino e a escassez de material específico, comprometem tanto o bem-estar animal, como o seu desempenho. Estas fragilidades, colocam em causa o treino diário dos binómios para

prepará-los para cenários reais. A aposta em instalações adequadas e cenários de treino reais, é fundamental para garantir a prontidão e eficácia das forças cinotécnicas.

Apesar destas dificuldades, o emprego desta capacidade tem vindo a mostrar o seu valor operacional, nomeadamente no Plano de Prevenção dos Comportamentos Aditivos e Combate às Dependências nas Forças Armadas, sendo responsáveis por ações regulares de deteção de estupefacientes, em território nacional. No contexto do EMGFA (Forças em Prontidão), a sua inclusão na FRI, com a valência de busca e salvamento confirma o reconhecimento do seu potencial, ainda que a sua integração esteja limitada por falta de cães, formação específica e de certificação. Na MPCoy/EUBG, no âmbito dos mecanismos de resposta rápida, o seu emprego foi planeado como elemento de apoio tático às operações, reconhecendo os cães como multiplicadores do potencial de combate, em todo o espectro de operações, patrulhamento, controlo de tumultos e detenção.

Neste cenário, a análise do modelo Espanhol, revelou práticas operacionais eficazes, como a existência de uma carreira horizontal para os militares da cinotécnia, a certificação periódica e obrigatória para os binómios, a aposta em infraestruturas de treino com cenários reais e a inclusão dos binómios cinotécnicos em missões internacionais, refletindo a sua importância enquanto multiplicadores do potencial de combate. A cultura organizacional de Espanha, reconhece o valor dos tratadores cinotécnicos no seio das Forças Armadas. A adoção de medidas inspiradas neste modelo, nomeadamente a estruturação de uma carreira contínua e certificação obrigatória poderá ser determinante para otimizar o processo de geração de forças cinotécnicas.

Como principais contributos desta investigação, salientam-se a identificação de fatores que comprometem o processo de geração de forças cinotécnicas da PE. Através da análise a entrevistas a militares com experiência na área, foi possível compreender as lacunas ao nível da formação, certificação, infraestruturas e continuidade dos militares na carreira cinotécnica.

Este estudo, apresenta-se com um cariz prático e aplicabilidade real, ao evidenciar o papel das equipas cinotécnicas em diferentes contextos operacionais, como no Plano de Prevenção dos Comportamentos Aditivos e Combate às Dependências nas Forças Armadas, na FRI e na MPCoy/EUBG. A análise destes contextos operacionais permitiu compreender o potencial das forças cinotécnicas como multiplicadores do potencial de combate, destacando a necessidade de uma estrutura mais consolidada para a sua valorização.

Adicionalmente, a análise do modelo Espanhol, permitiu identificar as boas práticas, que podem servir como referência para o modelo nacional. A valorização institucional da

cinotécnia, a continuidade dos militares na especialidade, a certificação periódica e os investimentos em infraestruturas revelaram-se essenciais, cuja análise pode levar a reformas no contexto nacional.

Como limitações desta investigação, destaca-se o reduzido número de entrevistas realizadas a entidades espanholas, o que pode ter condicionado a representatividade das perceções recolhidas. Adicionalmente, a falta de dados estatísticos atualizados sobre o impacto das equipas cinotécnicas da PE, dificultou a análise quantitativa. Estas restrições, embora não comprometam os objetivos dos estudos, revelam a necessidade de investigações futuras mais abrangentes para aprofundar o conhecimento na área.

Recomenda-se que, para investigações futuras, seja aprofundado o estudo da certificação e avaliação dos binómios cinotécnicos de forma a propor um modelo nacional alinhado com os padrões OTAN. Seria relevante analisar a possibilidade da criação de um Regime de Contrato Especial para praças e um modelo de carreira horizontal para os militares dos Quadros Permanentes, garantindo a continuidade e especialização nesta valência. Sugere-se ainda, um estudo com levantamento das necessidades logísticas do módulo cinotécnico, com vista à definição de um plano de investimento sustentável, que permita dotar o Regimento de condições adequadas para treino, transporte e alojamento dos cães. Por fim, propõem-se a realização de um manual de curso específico para as praças do módulo cinotécnico da PE.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Allsop, N. (2011). *Cry Havoc*. Austrália: New Holland Publishers Pty Ltd.
- Assembleia da República. (2006). *Lei n.º 27/2006, de 3 de julho: Lei de Bases da Proteção Civil*. Diário da República, 1.ª série, n.º 127.
<https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/2006-66285526>
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo* (Edição revista e atualizada). Lisboa: Edições 70.
- Botelho, J. M., & Cruz, V. A. (2013). *Metodologia Científica*. São Paulo: Pearson Education do Brasil.
- Comando das Forças Terrestres. (2012). *Directiva CFT MP COY NRF 2013*. Exército Português.
- Conselho de Ministros. (2003, janeiro 20). *Resolução do Conselho de Ministros n.º 6/2003, que aprova o Conceito Estratégico de Defesa Nacional*. Diário da República, I Série-B(16), 281–290.
- Department of the Army. (2005). *Military working dogs* (FM 3-19.17).
<https://irp.fas.org/doddir/army/fm3-19-17.pdf>
- Department of the Army. (2011a). FM 19-10: LAW AND ORDER OPERATIONS. Washington: US Army.
- Direção-Geral de Alimentação e Veterinária. (n.d.). *Bem-estar animal – Suínos*. DGAV.
<https://www.dgav.pt/animais/conteudo/animais-de-producao/suinos/bem-estar-animal/>
- Dogs PT Magazine. (2020, 12 de outubro). *GNR certifica candidatos a bolsa de voluntários cinotécnicos civis de busca e salvamento*.
<https://dogs-ptmagazine.com/2020/10/12/gnr-certifica-candidatos-a-bolsa-de-voluntarios-cinotecnico-civis-de-busca-e-salvamento/>
- Estado-Maior do Exército. (2018). *Plano de Apoio Militar de Emergência (PAMEEX)*. Lisboa: Estado-Maior do Exército.
- Estado-Maior-General das Forças Armadas. (2001). *Diretiva n.º 05/CEMGFA/2001. Força de Reação Imediata*. Lisboa: Estado-Maior-General das Forças Armadas.
- Estado-Maior-General das Forças Armadas. (2012). *Diretiva Operacional N.º 003/CEMGFA/12. Força de Reação Imediata*. Lisboa: Estado-Maior General das Forças Armadas

Estado-Maior-General das Forças Armadas. (2018). *Diretiva Operacional N° 004/CEMGFA/2018 - ALTI : Força de Reação Imediata*. Lisboa: EMGFA.

Estado-Maior-General das Forças Armadas. (2020). *Planeamento estratégico militar*. Ministério da Defesa Nacional.

European External Action Service. (2015). *EU Concept for Force Generation*. <https://data.consilium.europa.eu/doc/document/ST-14000-2015-INIT/en/pdf>

Exército Português. (2012). *PDE 3-00: Operações*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

Exército Português. (2020). *PDE 0-20-18 Emprego de Cães Militares*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

Exército Português. (2023). *Revisão do Force Sensing do European Union Battlegroup 2025-2/2026-1 (EUBG 25-2/26-1)* [Relatório Técnico]. Ministério da Defesa Nacional.

Gil, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social* (6.ª ed.). São Paulo: Editora Atlas.

Goldblatt, A., Gazit, I., & Terkel, J. (2009). Olfaction and explosives detector dogs. In W. S. Helton (Ed.), *Canine ergonomics: The science of working dogs* (pp. 136–174). CRC Press.

Hilliard, S. (2003). Perspectives on animal learning theory. In R. G. Green & J. C. MacLean (Eds.), *Mine detection dogs: Training, operations and odour detection* (pp. 23–42). Geneva International Centre for Humanitarian Demining.

ITS Tactical. (2011, May 18). *Dogs of war: Why the Navy SEALs would use dogs as a force multiplier*. ITS Tactical <https://www.itstactical.com/warcom/k9-warcom/dogs-of-war-why-the-navy-seals-would-use-dogs-as-a-force-multiplier/>

Karlsruud, J., & Reykers, Y. (2019). Rapid response mechanisms in the EU and NATO. In R. A. Cardoso (Ed.), *Os mecanismos de resposta rápida da OTAN e da UE* (pp. 15–28). Instituto da Defesa Nacional. <https://comum.rcaap.pt/handle/10400.26/41647>

Lakatos, E. M., & Marconi, M. d. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica - 5ª Edição*. São Paulo: Editora Atlas S.A

Lima, H. (2010). *Equipas de Busca e Salvamento*. Boina Verde, pp. 6-8.

Lopes, B. (2019). *Exercício PM Ángel Guardián: Emprego da Polícia Militar no contexto OTAN e UE*. Exército Espanhol.

Lopes, C. (2023, janeiro 23). *O Grupo de Polícia do Exército – Cadetes da Academia Militar*. [Apresentação em PowerPoint]. Exército Português.

Lopes, C. (2023, setembro 19). *Military Police Company (MPCoy) EUROPEAN BATTLEGROUP 25-2/26-1* [Apresentação em PowerPoint]. Exército Português.

Marinha Portuguesa. (2025, 7 de maio). *Equipa cinotécnica portuguesa em destaque na Lituânia*. Marinha Portuguesa.

<https://www.marinha.pt/pt/media-center/Noticias/Paginas/Equipa-cinotecnica-portuguesa-em-destaque-na-Lituania.aspx>

Mataloto, T. J. (2019). Military Working Dogs (MWD) - Multiplicadores do Potencial de Combate. *Revista da Cavalaria*, 16-20.

Ministério da Defesa Nacional. (2015). *Quadro Orgânico 09.07.06 GPE*. Exército Português.

Ministério da Defesa Nacional. (2023). *Aquisição de canídeos para o Módulo Cinotécnico – Grupo de Polícia do Exército*. Regimento de Lanceiros Nº2.

Ministerio de Defensa. (2013). *Empleo del perro en defensa y seguridad: técnicas de adiestramiento e instrucción del guía canino*. Secretaría General Técnica.

Monteiro, L. (2025, março 17). “A ameaça é real”. *Fuzileiros em missão de tranquilização na Lituânia*. Renascença.

<https://rr.pt/noticia/pais/2025/03/17/a-ameaca-e-real-fuzileiros-em-missao-de-tranquilizacao-na-lituania/417556/>

NATO. (2013). *Comprehensive Operations Planning Directive, COPD, Interim V2.0*. Mons: SHAPE, Allied Command Operations

NATO. (2018a). *AJP-3.21: Allied Joint Doctrine for Military Police*. Bruxelas: NATO Standardization Office.

NATO. (2018b). *AMWDP-1: Military Working Dog Capabilities*. Bruxelas: NATO Standardization Office.

NATO. (2020a). *Bi-SC capability codes and capability statements (CC&CS)*. Supreme Headquarters Allied Powers Europe (SHAPE)

NATO. (2020b). *NATO Advancements in Military Canine Operations*. NATO Research Division.

NATO. (s.d.). *NATO Response Force (NRF)*. <https://lc.nato.int/operations/nato-response-force>

Oliveira, J. E. M. (2016). *Os recursos cinotécnicos e a sua necessidade no Exército Português* [Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar]. Comum RCAAP.

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. de. (2013). *Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico* (2. ed. rev. e ampl.). Novo Hamburgo: Feevale.

Quivy, R., & Campenhoudt, L. (1995). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* (2ª Edição ed.). (J. M. Maques, M. A. Mendes, & M. Carvalho, Trans.) Paris: Gradiva.

Riani, M. B. (2011). *Uso Diferenciado da Força e Emprego de Cães Policiais como Técnica Não-Letal*. Centro Universitário Vila Velha.

Ringsmose, J., & Rynning, S. (2017). The NATO Response Force: A qualified failure no more? *Contemporary Security Policy*, 38(3), pp. 443–456.

Rocha, G. C. N. (2021). *Da Polícia do Exército — Tendências e Desafios para o Séc. XXI*. [Relatório científico final do Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar]. RECAAP.

Santos, L., Lima, J., Garcia, F., Monteiro, F., Silva, N., Silva, J., . . . Piedade, J. (2019). *Orientações Metodológicas para a Elaboração de Trabalhos de Investigação* (2ª edição). Lisboa: Instituto Universitário Militar.

Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2012). *Research methods for business students* (6ª ed.). Pearson Education

Serviço Europeu para a Ação Externa. (2017). *EU Battlegroups: Rapid Response Forces of the European Union*.

https://www.eeas.europa.eu/sites/default/files/factsheet_battlegroups.pdf

Sinn, D. L., Gosling, S. D., & Hilliard, S. (2010). Personality and performance in military working dogs: Reliability and predictive validity of behavioral tests. In W. S. Helton (Ed.), *Canine ergonomics: The science of working dogs* (pp. 51–65). CRC Press.

Sousa, F. (2015). O EU Battlegroup: a sua Conceptualização - Aplicação e Prospetiva. *Revista de Ciências Militares*, III (2), 505–534.

Sousa, J. P. S. (2012). *A Cinotecnia no Exército Português para o Século XXI, Novos Cenários, Novos Desafios* [Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, Academia Militar]. RECAAP.

Talambas, J. D. A. G. (2019). *Proposta de um Modelo para a Geração de Forças nas Forças Armadas*. *Revista de Ciências Militares*, maio, IX (1), 13-38.

U.S. Air Force. (2013). *K-9 teams serve as force multiplier*. Offutt Air Force Base. <https://www.offutt.af.mil/News/Article/311724/k-9-teams-serve-as-force-multiplier/>

Unidad Militar de Emergencias. (2013). *Equipos cinológicos en búsqueda y rescate*. Ministerio de Defensa de España.

Unidad Militar de Emergencias. (2020). *Dossier UME: Organización y capacidades operativas*. Ministerio de Defensa de España

Universidade Nacional de Educación a Distancia. (2016). *Integración de equipos cinológicos en pequeñas unidades de ingenieros tipo zapadores*. Universidade Nacional de Educação a Distância (UNED).

Yin, R. K. (2004). *Estudo de caso: Planejamento e métodos* (3. ed.). Porto Alegre: Bookman.

Apêndices

Apêndice A - Modelo de Análise

Tabela 3 - Modelo de Análise

Conceito	Dimensão	Indicadores
1. Capacidades do módulo cinotécnico	1.1- Explosivos	<ul style="list-style-type: none"> • QOP GPE • Missão • Possibilidades • Organização Equipas Cino
	1.2 – Busca e deteção de estupefacientes	<ul style="list-style-type: none"> • QOP GPE • Missão • Possibilidades • Organização Equipas Cino
	1.3 - Uso da Força	<ul style="list-style-type: none"> • QOP GPE • Missão • Possibilidades • Organização Equipas Cino
	1.4- Busca e salvamento	<ul style="list-style-type: none"> • QOP GPE • Missão • Possibilidades • Organização Equipas Cino
2. Conceito de Emprego	2.1 - Exército	<ul style="list-style-type: none"> • Plano de Prevenção Drogas e estupefacientes • Missões de Segurança • Infraestruturas Críticas
	2.2 - EMGFA	<ul style="list-style-type: none"> • Componente Terrestre da Força de Reação Imediata
	2.3 - Mecanismos de resposta UE e OTAN	<ul style="list-style-type: none"> • MPCoy/NRF • MPCoy/EUBG
3. Exemplo Exército Espanhol	3.1 - Valências	<ul style="list-style-type: none"> • QO Batalhão de PM/Valência/Bétera • Formação e Treino
	3.2 – Conceito de Emprego	<ul style="list-style-type: none"> • Emprego em Território Nacional • Emprego em Mecanismos EU ou OTAN

Apêndice B- Caracterização da amostra

Tabela 4 – Tabela de Pessoas Entrevistadas

	Nome	Posto	Função
E1	Bruno Robalinho Lopes	Capitão	Comandante do 2ºEsquadrão PE
E2	Gonçalo Sousa	Tenente	Comandante Pelotão de Apoio do GPE
E3	Filipe Santos	Sargento-Ajudante	Sargento Secção Cino (12Set2011 a 12Out2020)
E4-	Fábio Laforêt	Sargento-Ajudante	Sargento Secção Cino (01Set2014 a 30Jun2015), Comandante da Equipa de Detecção de Explosivos do Módulo Cinotécnico do Grupo de Polícia do Exército (01Jul2015 a 01Out2018).
E5	Fábio Piedade	Primeiro-Sargento	Comandante da equipa de deteção de explosivos até 2024
E6	Pedro Marques	Primeiro-Sargento	Comandante da equipa de deteção e estupefacientes
E7	Cláudio Leal	Primeiro-Sargento	Comandante da equipa do uso da força
E8	José Ferreira Vilaça	Capitão de Fragata	Comandante DAE
E9	Vitor Gomes	Coronel	Comandante da FRI
E10	Ivo Caseiro	Major	Comandante da MPCoy/EUBG
E11	Brigada D. Sergio Mares Guillén .	Sargento-Chefe	Jefe de la Sección Cinológica del Batallón de Policía Militar.

GUIÃO DE ENTREVISTA



ACADEMIA MILITAR

O emprego de forças Cinotécnicas da Polícia do Exército

Autor: Aspirante de Cavalaria Rita Barroso Isidoro

Orientador: Tenente-Coronel de Cavalaria Carlos Lopes

Coorientador: Professora Doutora Olga Duarte

Mestrado Integrado em Ciências Militares na Especialidade de Cavalaria

Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada

Lisboa, maio de 2025

Identificação do Entrevistado

Título da pesquisa:

Entrevistador(a):

Entrevistado(a):

Cargo/Função:

Data:

Local:

Entrevista

Todas as respostas obtidas nesta entrevista têm o objetivo de adquirir o máximo de informação possível para a investigação. Assim sendo, é lhe pedido que as suas respostas sejam o mais completas possíveis.

Apêndice D – Protocolo de Consentimento Informado

PROTOCOLO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Este protocolo estabelece um acordo entre Rita Barroso Isidoro, aluna da Academia Militar, que realiza a investigação intitulada "O Emprego de Forças Cinotécnicas da Polícia do Exército", e o participante _____, que aceita participar da investigação através do método de entrevista.

Compromissos do Investigador e do Orientador Científico

O investigador e o seu orientador comprometem-se a:

1. Conduzir a investigação em conformidade com os parâmetros de qualidade definidos pela comunidade científica da especialidade;
2. Discutir e, se solicitado pelo participante, negociar aspetos específicos relativos à confidencialidade da informação;
3. Garantir que nenhuma informação pessoal do participante será divulgada sem o seu consentimento prévio;
4. Fornecer aos participantes uma síntese descritiva dos resultados da pesquisa por meio de correio eletrónico;
5. Manter os participantes informados sobre o desenvolvimento do estudo, especialmente sobre a análise dos dados, caso seja solicitado;
6. Esclarecer todas as dúvidas dos participantes durante o decorrer da investigação;
7. Cumprir o Código Deontológico da American Psychological Association (APA) na realização da investigação;
8. Eliminar todas as gravações áudio após a conclusão da investigação e a defesa pública da tese.

Compromissos dos Participantes

Os participantes comprometem-se a:

1. Prestar informações relacionadas à sua experiência profissional e ao caso em estudo;
2. Ser entrevistado em um momento previamente acordado com o investigador;

3. Autorizar, caso necessário, a gravação audiovisual da entrevista a pedido do investigador;
4. Decidir se deseja ou não mencionar a sua participação no projeto em contextos profissionais;
5. Autorizar a publicação dos resultados do estudo, nas seguintes situações:
 - Tese de Mestrado a apresentar à Academia Militar;
 - Comunicações em congressos científicos e profissionais;
 - Publicações científicas em revistas e/ou livros da especialidade.

Assinaturas

Participante:

Investigador:

Local e Data:

_____, _____, _____, 2025

Apêndice E – Corpo de Questões Guião de Entrevista A

Tabela 5 - Corpo de Questões Guião A

Objetivos E	Perguntas D	Perguntas Entrevista
<p>OE1 - Identificar em que operações militares podem ser empregues os cães do Regimento de Lanceiros nº2.</p>	<p>PD1 - Em que operações militares, no âmbito da Polícia do Exército podem ser empregues os cães do Regimento de Lanceiros N.º 2?</p>	<ol style="list-style-type: none"> 1. Quais são as principais missões atribuídas às forças cinotécnicas da Polícia do Exército? 2. Como é feito o processo de seleção dos cães militares no RL2? 3. Os cães são utilizados em missões diárias ou apenas em situações específicas? 4. Já houve situações em que a atuação dos cães tenha sido fundamental para o sucesso de uma missão? Se sim, poderia descrever um exemplo? 5. Como são e onde são treinados os cães do RL2? E os seus Tratadores? 6. Acha que o atual modelo de formação dos cães é suficiente para as exigências operacionais? Que mudanças poderiam ser implementadas para aumentar a eficácia dos binómios? 7. Existe cooperação com forças da NATO ou da UE para formação e certificação dos binómios cinotécnicos? 8. Os binómios são submetidos a avaliações periódicas? Como é monitorizado o seu desempenho operacional? 9. Há infraestruturas específicas para treino, alojamento e manutenção dos cães militares? Caso contrário, onde são mantidos e treinados?
<p>OE2 - Analisar quais as missões e tarefas atribuídas às forças Cinotécnicas da PE, no Exército, Forças Armadas e no mecanismo</p>	<p>PD2 - Quais as missões e tarefas atribuídas às equipas cinotécnicas no Exército, Forças Armadas e nos mecanismos de respostas da OTAN e UE?</p>	<ol style="list-style-type: none"> 10. Há alguma dificuldade específica na manutenção e treino contínuo dos cães militares para atender aos padrões da OTAN e UE? 11. O RL2 possui estrutura adequada para garantir que os cães militares estejam sempre aptos para missões nacionais e internacionais?

<p>de resposta da OTAN e EU</p>		<p>12. Quais são os principais desafios logísticos enfrentados na sustentação dos binómios cinotécnicos? Como são geridos os aspetos de transporte, alojamento e apoio veterinário?</p> <p>13. Foi estabelecida uma diretiva que prevê a existência de cães de busca e salvamento na Força de Reação Imediata (FRI). Qual acha que é o motive pela qual estes binómios não terem sido implementados até o momento?</p> <p>14. Na sua opinião, quais são os impactos operacionais da ausência de cães de busca e salvamento na estrutura da FRI?</p> <p>15. Houve alguma missão recente da FRI em que os cães de busca e salvamento teriam sido uma boa ajuda? Se sim, como é que a falta dessa capacidade impactou a operação?</p> <p>16. Quais seriam os passos necessários para que os binómios de busca e salvamento fossem efetivamente incorporados à estrutura da FRI?</p>
<p>OE3 - Analisar o caso de estudo das forças cinotécnicas do Exército espanhol</p>	<p>PD3 - Que observações e boas práticas retiramos do processo de geração e emprego de forças cinotécnicas da Polícia Militar Espanhola?</p>	<p>17. Durante o exercício Ángel Guardián, quais foram as principais diferenças que observou entre o modelo de emprego das forças cinotécnicas espanholas e portuguesas?</p> <p>18. O Batalhão de Polícia Militar I (BPM I) de Espanha demonstrou alguma técnica ou metodologia que poderia ser aplicada no Exército Português?</p> <p>19. Em termos de treino, há diferenças significativas entre os dois países?</p> <p>20. A formação e o emprego dos binómios espanhóis são mais eficientes do que os de Portugal? Se sim, porquê?</p> <p>21. Na sua opinião, Portugal deveria adaptar parte do modelo espanhol para fortalecer a sua capacidade cinotécnica? Se sim, que mudanças deveriam ser feitas?</p>
<p>22. Há algum aspeto adicional sobre o emprego das forças cinotécnicas da PE que considere importante mencionar?</p>		

Apêndice F – Corpo de Questões Guião de Entrevista B

Tabela 6 - Corpo de Questões Guião B

OE2: Analisar quais as missões e tarefas atribuídas às forças Cinotécnicas da PE no Exército, Forças Armadas e no mecanismo de resposta da OTAN e UE.
PD2- Quais as missões e tarefas atribuídas às equipas cinotécnicas no Exército, Forças Armadas e nos mecanismos de respostas da OTAN e UE?
<ol style="list-style-type: none">1. Poderia explicar, de forma geral, o papel da Força de Reação Imediata (FRI) e os seus principais objetivos operacionais?2. Quais são os cenários operacionais mais comuns em que a FRI tem sido ativada? Pode dar exemplos de missões recentes?3. Em que tipo de missões a FRI sentiu necessidade de dispor de equipas cinotécnicas de busca e salvamento?4. Que fatores determinaram essa decisão? Foi baseada em experiências operacionais passadas ou em necessidades identificadas durante exercícios militares?5. Apesar da diretiva exigir a existência desta capacidade, o RL2 ainda não tem binómios cinotécnicos prontos. Quais são os principais entraves que têm impedido a implementação desta força?6. O Exército já apresentou um plano de ação para garantir que esta capacidade será operacionalizada dentro da FRI?7. Existe uma data prevista para que o RL2 consiga formar e disponibilizar equipas cinotécnicas de busca e salvamento para a FRI?8. A ausência de binómios cinotécnicos de busca e salvamento já impactou negativamente alguma missão da FRI? Pode dar exemplos?9. Quais os principais desafios logísticos esperados para garantir a alimentação e os cuidados médicos dos cães em missões de resposta rápida?10. Há algum aspeto adicional sobre a requisição e implementação das forças cinotécnicas de busca e salvamento na FRI que considera importante mencionar?

Apêndice G – Corpo de Questões Guião de Entrevista C

Tabela 7 - Corpo de Questões Guião C

OE2: Analisar quais as missões e tarefas atribuídas às forças Cinotécnicas da PE no Exército, Forças Armadas e no mecanismo de resposta da OTAN e UE.
PD2- Quais as missões e tarefas atribuídas às equipas cinotécnicas no Exército, Forças Armadas e nos mecanismos de respostas da OTAN e UE?
<ol style="list-style-type: none">1. Qual é a missão da Military Police Company (MPCoy) dentro do European Union Battlegroup (EUBG)/NRF?2. Quando e por que motivo foi identificada a necessidade de integrar binómios cinotécnicos nas forças destacadas para resposta rápida?3. Esta decisão baseou-se em experiências operacionais anteriores ou foi uma exigência estratégica da NATO/UE?4. Que tipo de cenários operacionais dentro do EUBG/NRF justificam o uso de cães militares?5. Quais são os principais desafios previstos para a criação e integração dos binómios cinotécnicos na MPCoy do EUBG?6. Os cães militares são um multiplicador de força dentro do EUBG/NRF, permitindo um melhor emprego dos recursos humanos?7. Existem dificuldades associadas à formação, certificação ou infraestrutura necessárias para que esta capacidade seja ativada?8. Está prevista alguma fase de testes ou exercícios para avaliar a eficácia dos binómios cinotécnicos antes da sua implementação oficial?9. Os binómios cinotécnicos da MPCoy irão seguir os mesmos padrões de treino da Polícia Militar portuguesa ou terão uma formação específica para as necessidades do EUBG/NRF?10. A criação desta capacidade na MPCoy exigirá infraestrutura específica para acomodação, treino e cuidados veterinários dos cães militares?11. Acredita que esta integração pode influenciar futuras missões da MPCoy e outras forças de resposta rápida da UE/NATO?12. Há algum aspeto adicional sobre o planeamento e implementação futura dos binómios cinotécnicos na MPCoy do EUBG que considera relevante mencionar?

Apêndice H – Corpo de Questões Guião de Entrevista D

Tabela 8 - Corpo de Questões Guião D

Objetivo: Analisar quais as missões e tarefas atribuídas às forças Cinotécnicas nos Fuzileiros
<ol style="list-style-type: none">1. Quais as valências dos cães militares nos Fuzileiros?2. De que forma os binómios contribuem para o cumprimento das missões dos Fuzileiros?3. O que levou à necessidade de gerar uma força composta por binómios cinotécnicos dos Fuzileiros para a Lituânia?4. Este tipo de destacamento já ocorreu anteriormente ou é a primeira vez que binómios cinotécnicos dos Fuzileiros são enviados para este teatro de operações?5. Como foi definido o número de binómios a serem enviados para a Lituânia?6. Houve um critério específico para a seleção dos militares e dos cães que compõem os binómios?7. Os binómios estão integrados exclusivamente em operações dos Fuzileiros, ou operam em conjunto com outras forças da NATO?8. Como será feita a gestão veterinária dos cães durante a missão?9. O clima e o ambiente operacional da Lituânia exigiram alguma adaptação específica para os canídeos?10. Que tipo de transporte será utilizado para deslocar os binómios até ao teatro de operações?11. Existem desafios logísticos no transporte, alojamento e manutenção dos cães militares em missões internacionais?12. Como se espera que os binómios cinotécnicos sejam empregues na missão?13. De que forma considera que os binómios vão aumentar o potencial de combate da Companhia de Fuzileiros destacada na Lituânia?14. Como será feita a monitorização do bem-estar físico e psicológico dos cães durante a missão?15. Existe um processo formal para recolher feedback sobre o desempenho dos binómios?16. Como se espera que esta operação influencie futuras projeções de binómios?

17. Existe a intenção de manter ou expandir o uso de forças cinotécnicas em missões da NATO/UE?
18. Que melhorias podem ser feitas na preparação e no emprego dos binómios para futuras operações?
19. Há algum aspeto adicional que considere relevante sobre o emprego de binómios cinotécnicos que não foi abordado nesta entrevista?

Apêndice I – Corpo de Questões Guião de Entrevista E

Tabela 9 - Corpo de Questões Guião E

OE3: Analisar o caso de estudo das forças cinotécnicas do Exército espanhol
PD3: Que observações e boas práticas retiramos do processo de geração e emprego de forças cinotécnicas da Polícia Militar Espanhola?
<ol style="list-style-type: none">1- Qual é a sua função dentro da Polícia Militar do Exército Espanhol?2- Como estão organizadas as forças cinotécnicas dentro da Polícia Militar do Exército Espanhol?3- Quais são as missões das Forças Cinotécnicas da Polícia Militar do Exército Espanhol?4- Já houve situações em que a atuação dos cães foi fundamental para o sucesso de uma missão? Em caso afirmativo, poderia descrever um exemplo?5- De que forma as forças cinotécnicas espanholas contribuem para aumentar a eficácia operativa das unidades militares?6- Como é feita a seleção dos cães militares que compõem os binómios cinotécnicos?7- Como está organizado o sistema de treino dos cães em Espanha? E o dos guias?8- Existem centros ou escolas militares específicos dedicados exclusivamente à formação e certificação cinotécnica?9- Os binómios são submetidos a avaliações periódicas? Como é monitorizado o seu desempenho operacional?10- Que tipo de infraestruturas estão disponíveis para o alojamento, treino e bem-estar dos cães militares?11- Quais são os principais fatores que determinam a necessidade de destacar binómios cinotécnicos em teatros de operações internacionais?12- Os binómios cinotécnicos são frequentemente solicitados para missões da OTAN ou da União Europeia?13- Quais são os principais desafios logísticos no apoio aos binómios cinotécnicos? Como são geridos os aspetos de transporte, alojamento e apoio veterinário?14- Quais são os critérios para destacar binómios cinotécnicos em missões de busca e salvamento em território nacional?

- 15- Como está organizada a resposta nacional perante desaparecimentos ou desastres naturais? Os cães militares são uma prioridade nestes casos?
- 16- Existe alguma missão recente em que os binómios cinotécnicos tenham tido um papel de destaque em operações de resgate, segurança ou emergências em Espanha? Poderia descrever um caso relevante?
- 17- Considera que o uso das forças cinotécnicas continuará a crescer no futuro? Que melhorias ou investimentos estão a ser realizados nesse sentido?
- 18- A experiência do Exército Espanhol com forças cinotécnicas tem servido de referência para outros países da OTAN?
- 19- Existem forças cinotécnicas espanholas na MPCoy da EUBG e/ou na MPCoy da NRF? Em caso afirmativo, qual foi a principal razão para a inclusão dos cães militares espanhóis na MPCoy?
- 20- Os cães militares espanhóis seguem os mesmos protocolos de treino e certificação que os binómios de outros países da OTAN/UE?
- 21- Há algum aspeto adicional sobre o emprego das forças cinotécnicas que considere importante mencionar?

Apêndice J – Sinopse das Entrevistas do Guião A

Tabela 10- Síntese de repostas à pergunta 1

1. Quais são as principais missões atribuídas às forças cinotécnicas da Polícia do Exército?	
E1	Os binómios são empregues na segurança com uso da força, deteção de drogas e explosivos, patrulhamento, controlo de tumultos e ações de divulgação.
E2	Realização do plano de prevenção de comportamentos aditivos, na busca de estupefacientes.
E3	Busca e deteção de droga, Busca e deteção de explosivos, Cães de uso da força, Cães de busca em grandes áreas
E4	Missões de Busca e Deteção de Estupefacientes, missões de deteção de explosivos e de segurança.
E5	Deteção de estupefacientes, uso da força e deteção de explosivos
E6	Busca e deteção de estupefacientes, uso da força em eventos e deteção de explosivos que não temos no momento
E7	Missões de segurança a eventos, deteção de estupefacientes.

Tabela 11- Síntese de repostas à pergunta 2

2. Como é feito o processo de seleção dos cães militares no RL2?	
E1	Os cães vêm com 18 meses. Os criadores mostram os cães disponíveis e nós mediante testes escolhemos os mais aptos para o trabalho que pretendemos.
E2	Processo é feito através de concurso público, onde os criadores de cães, dão a sua proposta. É enviada uma equipa que irá realizar provas aos cães e depois irão escolher os melhores para o trabalho que irão realizar.
E3	A seleção é feita através de aquisições formais, com o envio de uma equipa de remonta que realiza testes de despiste para avaliar os instintos dos cães.
E4	Atualmente os canídeos são adquiridos a criadores com histórico comprovado de fabrico de um “produto” com qualidade genética e equilíbrio comportamental, sempre com o aval da Clínica Militar Veterinária de Canídeos, um processo aliás, que ficou plasmado na PDE 0-20-18 Cães Militares.
E5	Os cães são previamente submetidos a um período de avaliação de duas semanas, durante o qual foram observados comportamentos como a predisposição para a mordida e o interesse pelo brinquedo.
E6	Os cães chegam ao RL2 com idades compreendidas entre os 12 e os 18 meses. Os criadores apresentam o lote de cães disponíveis, que são então submetidos a uma série de testes.
E7	Os cães são então submetidos a um conjunto de provas práticas, que permitem avaliar características essenciais para o desempenho operacional.

Tabela 12- Síntese de repostas à pergunta 3 e 4

3. Os cães são utilizados em missões diárias ou apenas em situações específicas?	
E1	São usados diariamente no PPCACDFA, em ações de divulgação. Em operações são usados apenas em exercícios.
E2	Os cães são usados todos os dias no treino. São usados diariamente no PPCACDFA.
E3	São usados regularmente em missões de busca de estupefacientes no PPCACDFA e sempre que existe a necessidade é considerado o cabimento dos cães em missões da PE nomeadamente controlo de tumultos e áreas edificadas.
E4	O quotidiano do GPE implica não só os serviços diários, mas também as já referidas missões de busca de deteção de estupefacientes, que por vezes ocorriam em dias sucessivos, embora não fosse o

	desejado, dada a necessidade de treino após missões, para correção de eventuais respostas indesejadas, aprimorar capacidades ou simplesmente manutenção da qualidade do treino. Nas missões específicas, destaca-se o emprego de binómios de Uso da Força, em missões de Segurança de Área às exposições de material e capacidades militares dos dias comemorativos, como o Dia de Portugal e Dia do Exército.
E5	São usados diariamente em treinos, em ações de deteção de estupefacientes no PPCACDFA e em missões de segurança.
E6	São usados regularmente em missões de busca de estupefacientes no PPCACDFA, existe a preocupação de integrar os cães nos pelotões PE.
E7	A atividade centra-se essencialmente no treino. São frequentemente usadas em eventos para segurança, e participam em alguns exercícios.
4. Já houve situações em que a atuação dos cães tenha sido fundamental para o sucesso de uma missão? Se sim, poderia descrever um exemplo?	
E1	No PPCACDFA só estes conseguem fazer este trabalho.
E2	A nível de uso da força não. Na segurança eles funcionam como elemento dissuasor. A nível de estupefacientes são decisivos sem eles seria impossível para o ser humano detetar estupefacientes.
E3	Sim. No PPCACDFA, sem os cães seria impossível cumprir a Diretiva 25/2000 do VICE CEME, Em missões de pistagem de fugitivos, os cães também são cruciais, pois têm uma capacidade de rastreamento, no controlo de tumultos, o cão é um elemento de dissuasão essencial, permitindo evitar a escalar da força
E4	Numa missão de Busca e Deteção de Estupefacientes, depois confirmada com a presença de substância estupefaciente, pode afirmar-se que o cão foi fundamental. De outra forma seria impossível detetar a presença de substâncias ilegais no interior de instalações do Exército. dessas substâncias por parte de militar ou civil ao serviço do Exército. Nas missões de segurança, a presença de binómios de Uso da Força tem um efeito dissuasor e multiplicador, especialmente no período noturno.
E5	Habitualmente os cães são usados apenas em treinos. Não existe um Regulamento de Emprego (ROE) específico para a utilização de cães por parte do Exército em operações reais.
E6	No controlo tumultos os cães atuam como dissuasor, evitando o escalar da violência.
E7	Até ao momento não, no entanto no controlo de tumultos, a presença do cão funciona como elemento dissuasor, provocando receio nos intervenientes, no entanto, quando o situação evolui, os cães acabam por ser retirados, uma vez que não existe ainda umas ROE claras que definam como e quando devem ser utilizados.

Tabela 13- Síntese de repostas à pergunta 5

5. Como são e onde são treinados os cães do RL2? E os seus Tratadores?	
E1	As praças no RPara, os graduados na GNR. Estamos a desenvolver o curso de operador cinotécnico de PM com uma duração de 2 meses de modo que sempre que entrem militares no módulo possamos de imediato ministrar o curso. Os cães acompanham os nossos militares que estão a fazer a formação.
E2	O cão já vem com uma base dos criadores. No regimento são treinados para as missões específicas que irão desempenhar. As praças no RPara, os graduados na GNR. Os graduados conseguem de especializar na sua área nos cursos da GNR.
E3	São usados regularmente em missões de busca de estupefacientes no PPCACDFA e sempre que existe a necessidade é considerado o cabimento dos cães em missões da PE nomeadamente controlo de tumultos e áreas edificadas.
E4	Os Sargentos tiram o curso, ministrado na Escola de Tropas Paraquedistas (ETP), e caso pertençam ao Quadro Permanente, podem frequentar cursos cinotécnicos ministrados no Grupo de Intervenção Cinotécnico (GIC) da GNR. As Praças com funções cinotécnicas frequentam o Curso de Tratador de Cães Militares, ministrado na ETP, contudo, a criação de um Quadro Permanente de Praças estas poderão vir a tirar o curso na GNR. Para além da formação de qualificação e especialização, ministrada mediante frequência de cursos, os binómios devem treinar todos os dias.
E5	As praças no RPara, os graduados na GNR. Existe, ainda, a intenção de enviar militares para o Curso de Figurante Cinotécnico. Os cães são treinados em conjunto com os respetivos tratadores durante o período de formação.

E6	As praças no RPara, os graduados na GNR. Os cães são treinados em conjunto com os respetivos tratadores durante o período de formação.
E7	Os graduados na GNR. As praças no RPara no entanto este curso não corresponde, às expectativas e exigências operacionais do módulo cinotécnico. Os cães são treinados em conjunto com os seus tratadores, durante o período de formação.

Tabela 14- Síntese de repostas à pergunta 6

6. Acha que o atual modelo de formação dos cães é suficiente para as exigências operacionais? Que mudanças poderiam ser implementadas para aumentar a eficácia dos binómios?	
E1	Da parte da PE não por isso é que estamos a desenvolver um curso específico.
E2	Sim, como a base vem da GNR acabamos por conseguir uma boa base.
E3	O modelo que temos delineado é suficiente, no entanto não conseguimos garantir porque temos falta de pessoal.
E4	As mudanças têm-se verificado com a preocupação com o bem-estar animal é tópico soberano para qualquer cinotécnico, e disciplinas como a etologia e a psicologia canina, passaram a contribuir para a formação de qualquer programa de treino. A troca de experiências a nível internacional traz, sem dúvida, a possibilidade de novas aprendizagens e novos conceitos, muitos deles à custa de lições aprendidas, mas é também em Território Nacional que se pode procurar obter esse conhecimento.
E5	Tendo em conta as missões atualmente atribuídas, sim. No entanto, há limitações, Destaca-se, por exemplo, a ausência de um militar com o Curso de Figurante Cinotécnico. Sugeriria a criação de uma carreira horizontal para os militares do QP, bem como um contrato especial para as praças.
E6	Sim, porque atualmente a exigência que o Exército coloca sobre nós é praticamente nula. A partir do momento em que um militar entra no mundo da cinotécnica, deveria manter-se ligado à área.
E7	Sim. O que falta são condições adequadas para conseguirmos evoluir.

Tabela 15- Síntese de repostas à pergunta 7 e 8

7. Existe cooperação com forças da NATO ou da UE para formação e certificação dos binómios cinotécnicos?	
E1	Da parte do Exército não.
E2	Não. É algo que estamos a trabalhar com os paraquedistas no entanto ainda não existe uma entidade que certifique muito provavelmente deveria ser a Inspeção Geral do Exército a fazê-lo.
E3	Sim. Existe cooperação para a realização de exercícios militares.
E4	Desconheço se à data de resposta à entrevista, haja a possibilidade de formar binómios fora do Território Nacional. Atualmente não existe qualquer certificação ou processo que indique a prontidão dos binómios, dentro de critérios predefinidos, para as missões que vão desempenhar, o que vejo como algo a corrigir para devida valorização da formação cinotécnica, bem como para a garantia da qualidade do conjunto: Operador Cinotécnico e Cão de Trabalho Militar. Imagine-se uma Força apoiada por binómio cinotécnico de deteção de explosivos... Não deverá o Comandante daquela Força ter garantias sobre a ferramenta que passou a estar à sua disposição? Pessoalmente, creio que sim.
E5	Não. Houve uma tentativa por parte do Regimento de Paraquedistas (RPara) de colaborar com o RL2 na elaboração de um manual de instrução, mas essa iniciativa não teve seguimento. Caso fosse necessário atuar com cães em missões internacionais, os binómios não possuem certificações reconhecidas a nível internacional.
E6	Embora a PDE refira que os binómios devem ser certificados, na prática essa certificação ainda não se concretiza. Há cooperação a nível de exercícios.
E7	Não. Não existe certificação no Exército. É algo que conjuntamente com os paraquedistas se pretende fazer.
8. Os binómios são submetidos a avaliações periódicas? Como é monitorizado o seu desempenho operacional?	

E1	Não existe previsto uma certificação para os binómios cinotécnicos.
E2	Não, não existe um modelo instaurado para avaliar o binómio.
E3	Não. Este é, de facto, um dos pontos a desenvolver e representa uma grande lacuna da nossa parte.
E4	Desconheço essa realidade à data de hoje, mas até um passado recente não existia modelo de avaliação formalizado. O desempenho dos binómios era monitorizado pela sua performance nos treinos, e depois, em alguns exercícios. É desejável que seja implementado um modelo de avaliação com periodicidade.
E5	Não.
E6	Não. Idealmente deveria haver.
E7	Não, é o que se deveria fazer mas ainda não acontece.

Tabela 16- Síntese de repostas à pergunta 9

9. Há infraestruturas específicas para treino, alojamento e manutenção dos cães militares? Caso contrário, onde são mantidos e treinados?	
E1	Sim. Temos um parque de trabalho, canis e uma enfermaria.
E2	Existe infraestruturas específicas para alojamento, no entanto estão danificadas. Os cães quando chove ficam molhados o que não é o ideal para o seu bem-estar. Para treino apenas temos um parque que não é o suficiente. Falta-nos muito investimento para podemos afirmar que temos estruturas específicas para treino.
E3	Os cães são alojados no módulo em canis do RL2. Neste momento não temos uma infraestrutura específica para treinos. Existe necessidade de manutenção dos alojamentos.
E4	Relativamente aos locais de treino, há a acrescentar as instalações próprias para a cinotecnia na ETP e no Campo Militar de Santa Margarida (CMSM). Quanto a alojamento, além da ETP, do CMSM, e do RL2, não existem outros canis em condições de alojar cães militares no Exército Português, o que levanta questões do ponto de vista do bem-estar animal, durante estadias prolongadas fora das instalações próprias.
E5	Sim. No entanto, encontram-se atualmente em condições bastante degradadas. Os canis não possuem desnível adequado para o escoamento da água. os corredores exteriores não têm cobertura, o que faz com que, em dias de chuva, os cães fiquem expostos molhados.
E6	Sim, no entanto, são as infraestruturas do módulo estão em muito más condições.
E7	Sim.

Tabela 17- Síntese de repostas à pergunta 10 e 11

10. Há alguma dificuldade específica na manutenção e treino contínuo dos cães militares para atender aos padrões da OTAN e UE?	
E1	Sim, não temos cães em número suficiente e poucos militares no módulo.
E2	Sim, a maior dificuldade que temos é a falta de pessoal e de canídeos.
E3	Sim, há dificuldade de treino, se não conseguimos treinar não conseguimos atingir os padrões. Enquanto não houver efetivo e material é muito complicado colmatar estas situações.
E4	O NATO STANDARD AMWDP-1 Military Working Dog (MWD) Capabilities, específica quais as tarefas ou valências que podem ser atribuídas aos Cães de Trabalho Militar, mas fá-lo sem estabelecer critérios de qualidade que se possam considerar como padrão certificador. No caso da UE, não existe qualquer regulamentação no que concerne ao emprego de Cães de Trabalho Militar.
E5	Sim. Embora se tente seguir as diretrizes existentes, a falta de certificações e as limitações estruturais e operacionais tornam esse processo bastante desafiante.
E6	Sim, somos poucos, estamos constantemente a trocar de militares no módulo e é muito difícil desta maneira atingir estes padrões.
E7	Sim. Embora exista possibilidade de treinar os cães, é difícil manter a continuidade do treino devido à falta de condições.
11. RL2 possui estrutura adequada para garantir que os cães militares estejam sempre aptos para missões nacionais e internacionais?	

E1	Em termos de quadro orgânico sim, no entanto se a estrutura orgânica não esta preenchida com uma percentagem razoável é muito difícil garantir que estejam sempre aptos.
E2	Os nossos cães neste momento no uso da força e de deteção de estupefacientes conseguimos cumprir com todas as missões que nos pedirem. Na deteção de explosivos neste momento não conseguimos cumprir. Temos muita falta de apoio logístico por falta de investimento do Exército.
E3	Sim. Claro que temos sempre algo a melhorar.
E4	Numa lógica da conceitualidade da economia, falamos de meios limitados para uma miríade de missões, o que significa não existir uma situação de conforto na gestão dos meios, na certeza, porém que o disposto no número 3 do Código de Honra do Lanceiro sempre se fez cumprir. Com mais meios à disposição, abertura ao conhecimento, manutenção do efetivo estável de binómios, manutenção do conhecimento (escola) no Regimento, e o apoio da Clínica Militar Veterinária de Canídeos, creio estar montada a base do que é necessário para o cumprimento das missões, mas que deve ser complementada com legislação clara e um padrão de certificação.
E5	Não. Na maioria das vezes, o apoio só é disponibilizado para ações de demonstração dirigidas à população civil. No entanto, quando se trata de realizar treinos mais exigentes e operacionais, esse apoio já não se verifica.
E6	Não porque apesar de termos uns parques de trabalho faltam-nos cenários.
E7	Não.

Tabela 18- Síntese de repostas à pergunta 12

12. Quais são os principais desafios logísticos enfrentados na sustentação dos binómios cinotécnicos? Como são geridos os aspetos de transporte, alojamento e apoio veterinário?	
E1	É difícil adquirir material, sobretudo no que diz respeito a odores e equipamento de treino. Relativamente à valência de busca e salvamento, ainda não foi possível adquirir cães, formação e o material necessário. O apoio veterinário está sempre garantido.
E2	Os cães são transportados nas L200, que não são as condições ideais. A nível de alojamento temos os nossos canis quando estamos fora temos canis de campanha. O apoio de veterinário é garantido pela clínica de canídeos.
E3	A logística é um dos principais responsáveis por muitas vezes não usarmos os cães em exercícios. Para levar os canis de campanha é preciso uma viatura pesada, os cães não podem ficar muito perto dos militares porque estes queixam-se do barulho, caso exista dissabor de saúde nunca temos logo um veterinário disponível. O apoio veterinário está sempre garantido.
E4	As estadias prolongadas no exterior das instalações do ModCino implicam o devido acondicionamento das transportadoras no compartimento de transporte das viaturas. É necessário algum planeamento e antecipação de eventuais imprevistos, como levar mais alimentação, no caso de se prolongar a estadia. No caso do apoio veterinário, é conveniente estabelecer contacto com a Clínica Militar Veterinária de Canídeos, para dar conhecimento do local da missão/exercício, e do número de canídeos. No caso de exercício internacional, deve ser esclarecida a capacidade de apoio veterinário in situ.
E5	Existem desafios logísticos relevantes ao nível do transporte e alojamento. As viaturas utilizadas são, na sua maioria, L200, que não são as mais adequadas para o transporte de cães. Quando há necessidade de permanecer fora por vários dias, os cães dormem nas transportadoras ou, em algumas situações, acompanham os tratadores nos quartos, o que não é o ideal. O apoio veterinário está sempre garantido.
E6	Sim. A nível de transporte usamos as L200. A nível de alojamento temos de perceber o que está disponível para nós. Temos os canis de campanha que não são o ideal. O apoio veterinário está sempre garantido.
E7	As viaturas utilizadas são L200, que não são ideais para o transporte de cães. As infraestruturas necessitam de bastante manutenção. O apoio veterinário está sempre garantido.

Tabela 19 - Síntese de repostas à pergunta 13,14, 15 e 16

13. Foi estabelecida uma diretiva que prevê a existência de cães de busca e salvamento na Força de Reação Imediata (FRI). Qual considera ser o motivo pelo qual estes binómios ainda não foram implementados até ao momento?	
E1	É preciso que existam recursos humanos e cães, formação específica na GNR e adquirir material para esta valência.
E2	O principal motivo é que não temos cães, já foi feito o pedido, mas ainda sem efeito. Temos os cão de busca de odores que busca odor humano, mas com a finalidade de morder que não é um cão de busca e salvamento.
E3	Para desenvolvermos essa valência, é essencial que os cães tenham acesso a odor de cadáver durante o treino, bem como cenários adequados. Além disso, não existe cooperação com a Proteção Civil, o que dificulta a articulação e a capacidade de manobrar em conjunto.
E4	Sou de opinião desfavorável ao treino de canídeos do Exército para a finalidade de Busca e Salvamento, por considerar que essa valência não tem aplicabilidade no campo de batalha, devendo antes ser delegada em Forças de Bombeiros, ou às Forças e Serviços de Segurança.
E5	Quando foi estabelecida a diretiva o módulo cinotécnico dispunha de um cão com capacidade para detetar odor humano. No entanto, os militares envolvidos esclareceram que essa capacidade, por si só, não é suficiente para ser considerada busca e salvamento, sobretudo porque o cão em questão mordida.
E6	Neste momento não temos formação, enquanto não tivermos formação específica tudo o resto torna-se muito difícil conseguir.
E7	Enquanto não nos deram o mínimo de condições não será possível implementar esta valência.
14. Na sua opinião, quais são os impactos operacionais da ausência de cães de busca e salvamento na estrutura da FRI?	
E1	Não conseguimos cumprir com a missão atribuída ao módulo cinotécnico integrado na FRI. Estas missões exigem a presença de binómios com a valência de busca e salvamento, capacidade que ainda não está implementada, o que compromete a efetiva operacionalidade do módulo cinotécnico no contexto da FRI.
E2	Se a FRI fosse ativada teríamos de dizer que não temos um cão de busca e salvamento ou seja a FRI teria de ir procurar noutra força como a GNR cães com essa valência.
E3	Perdemos a capacidade de contribuir para salvar vidas humanas. Basta uma vida para que o impacto da presença desta valência seja enorme. Neste momento, não estamos a cumprir plenamente o papel para o qual os militares existem.
E4	A existência de Cães de Busca e Salvamento na FRI é de extrema importância, não somente para fins de ajuda em situações de catástrofe noutros Estados, mas também em Território Nacional, perante a eventualidade da ocorrência de fenómenos sísmicos, desorientação de cidadãos idosos, ou turistas perdidos em áreas remotas.
E5	Tem impactos operacionais significativos, nomeadamente na capacidade de resposta em situações de catástrofe ou emergência humanitária.
E6	Caso exista uma catástrofe em que os cães sejam necessários realmente não poderemos ajudar como previsto.
E7	Caso surgisse uma situação desse tipo, não conseguiríamos dar resposta com cães, o que representa uma grande lacuna da nossa parte. o Exército ainda não reconheceu verdadeiramente a importância de investir nesta área.
15. Houve alguma missão recente da FRI em que os cães de busca e salvamento teriam sido uma boa ajuda? Se sim, Como é que a falta dessa capacidade impactou a operação?	
E1	Não.
E2	Não.
E3	Sim, houve uma militar que foi nomeada para integrar uma missão da FRI, no entanto, acabou por não ir devido a uma lesão. Neste caso, ainda bem que não foi, pois, o cão não estava certificado e a militar também não possuía a formação adequada. Estávamos prestes a enviar uma equipa para um cenário real sem a devida preparação, o que poderia ter tido consequências graves.
E4	Desconheço o contexto específico em que a FRI tem atuado, pelo que não posso conjecturar.
E5	Sim, um exemplo claro foi a missão relacionada com as cheias em Moçambique. Caso a FRI já dispusesse de binómios com a valência de busca e salvamento, essa capacidade teria sido uma mais-valia significativa para a operação.
E6	Não
E7	Não.

16.	Quais seriam os passos necessários para que os binómios de busca e salvamento fossem efetivamente incorporados à estrutura da FRI?
E1	Adquirir cães, adquirir formação, material e cenários.
E2	Adquiri cães, e mandar os tratadores ter formação. Teremos de ganhar conhecimento para saber que material a adquirir para treino.
E3	Ainda não existe um conhecimento total e consolidado sobre esta área. Como primeiro passo, deveria ser criado um grupo de trabalho a nível do Exército, com o objetivo de desenvolver este tema. Paralelamente, seria necessário assegurar as condições adequadas, nomeadamente um local de treino certificado.
E4	Desconheço o contexto específico em que a FRI tem atuado, pelo que não posso conjecturar.
E5	É necessário, em primeiro lugar, adquirir cães com essa valência. Além disso, os militares do módulo cinotécnico devem frequentar formação certificada na área. A falta de materiais adequados e de formação especializada impede, atualmente, o desenvolvimento desta valência. É fundamental garantir condições adequadas para o treino diário, incluindo, por exemplo, um espaço com destroços que simule um ambiente de catástrofe. Para que este processo avance, é essencial que o Exército reconheça o valor estratégico da cinotécnia.
E6	Formação dos tratadores, construção de um cenário para estes binómios e equipamento específico: Lanterna incorporada no capacete, cinto para rappel
E7	Adquiri cães, enviar um graduado ao curso administrado pela GNR e garantir condições de trabalho adequadas.

Tabela 20 - Síntese de repostas à pergunta 17, 18, 19 e 20

17.	Durante o exercício Ángel Guardián, quais foram as principais diferenças que observou entre o modelo de emprego das forças cinotécnicas espanholas e portuguesas?
E1	Em termos de capacidade de atuação estamos ao mesmo nível do Exército Espanhol.
E2	Não existem muitas diferenças. Eles são considerados especialistas cinotécnicos e os nossos não o que leva a que os nossos militares tenham de rodar de função ao fim de 5/6 anos. Este é um trabalho de continua construção de confiança, ou seja, um cão que esteja 4 anos com um tratador e este tratador tenho de rodar de função muito dificilmente vai trabalhar com outra pessoa.
E3	A diferença é que em Espanha os militares, sejam Praças ou Sargentos são todos dos quadros permanentes e que se dedicam todo a carreira à Cinotécnia.
E4	Como diferença relevante entre o modelo espanhol e português, destaco a existência de várias unidades cinotécnicas, nos diferentes territórios do Reino de Espanha. com a devida seriedade. Essa seriedade é demonstrável pelo longo tempo de serviço que os Operadores Cinotécnicos desempenham as funções cinotécnicas, comparativamente ao que observamos no Exército Português, e pelo facto de empregarem Binómios de Detecção de Explosivos nos diferente Teatros de Operações em que colocaram forças – à data, tinham projetados binómios no Líbano.
E5	A principal diferença observada foi com a cultura organizacional. Em Espanha, os cães são verdadeiramente considerados um multiplicador do potencial de combate e são valorizados. Os militares que integram as forças cinotécnicas fazem toda a sua carreira nessa área, sendo reconhecidos e valorizados por isso — o que não acontece em Portugal. , Espanha possui a capacidade de projetar cães para teatros de operações internacionais, o que revela um grau de maturidade e operacionalidade superior. Outro aspeto diferenciador é o seu modelo de formação: existe um único polo centralizado, onde o militar recebe o cão e realiza toda a formação cinotécnica, antes de ser colocado numa unidade operacional. As instalações de treino são altamente desenvolvidas. Em termos de bem-estar do cão, os canis estão localizados num pavilhão fechado, com ar condicionado e alimentadores automáticos.
E6	A principal diferença é que, em Espanha, existem binómios capazes de trabalhar à distância, permitindo ao tratador operar o cão a cerca de 40 metros, o que é particularmente importante em missões de deteção de explosivos.
E7	A nível de treino e conhecimento, considero que estamos mais avançados. No que diz respeito a equipamento e instalações, não há qualquer comparação possível- eles estão num patamar superior.
18.	O Batalhão de Polícia Militar I (BPM I) de Espanha demonstrou alguma técnica ou metodologia que poderia ser aplicada no Exército Português?
E1	Deveríamos adquirir mais material.
E2	Não tenho conhecimento.

E3	Em material eles estão muito melhor que nós, eles têm muito material que seria importante termos.
E4	O método de imprinting de odores com recurso ao Kong®. O uso deste método facilita o trânsito entre Estados, sem ter de levar amostras de explosivos, ou estupefacientes, para o treino de deteção. E o uso de viaturas descaracterizadas para deslocamento dos Binómios de Deteção de Estupefacientes, para missões de Busca Cinotécnica às Unidades Militares, uma vez que é demonstrativo da seriedade com que se abordam as questões cinotécnicas.
E5	Não. No entanto, o que se destacou foi a diferença cultural na forma como encaram a cinotécnia.
E6	Sim. Uma das principais mais-valias do modelo espanhol é a existência de uma metodologia de carreira horizontal, que permite manter os militares ligados à cinotécnia ao longo da sua carreira. A nível de instalações e equipamento, também se destacam. Investem significativamente no bem-estar dos cães, dispondo de infraestruturas modernas, como um barracão com canis interiores e exteriores equipados com ar condicionado.
E7	Não
19. Em termos de treino, há diferenças significativas entre os dois países?	
E1	Sim. Os binómios em Espanha têm mais capacidade de treino contínuo fruto do número de binómios que eles têm e fruto do número de solicitações que eles têm.
E2	Não.
E3	Não.
E4	Em termos práticos não existem diferenças de fundo, podemos observar existem diferenças, nomeadamente nas instalações/locais de treino – onde sinergias entre as Forças Armadas e empresas são vitais.
E5	Sim. Em Portugal, utilizamos uma metodologia baseada nas diretrizes da Frontex. Em Espanha, ainda são utilizadas metodologias mais tradicionais.
E6	Sim. Acho que estamos mais à frente, no entanto o facto de eles se dedicarem so à cinotécnia faz com que eles estejam sempre mais à frente que nós.
E7	Não.
20. A formação e o emprego dos binómios espanhóis são mais eficientes do que os de Portugal? Se sim, porquê?	
E1	Não.
E2	Os nossos ao contrário de Espanha nunca saíram de território Nacional sem ser neste exercício.
E3	Sim, porque eles dedicam-se 100% à Cinotécnia a partir do momento que querem seguir a área. As pessoas que temos (praças) estão no máximo 6 anos ao serviço.
E4	Num primeiro olhar atrevo-me a dizer que sim. Mas não observo meramente com olhar economicista, mas sim na ótica de empregabilidade, pertinência, rácio de binómios por unidade de Polícia Militar, e cultura cinotécnica. Primeiro, em Espanha, a Polícia Militar não faz parte de uma Arma, é uma qualificação que todos os militares podem concorrer, frequentar curso, e nessas unidades prestar serviço. É um modelo que aprecio, por eliminar algumas dependências. Segundo, o efetivo da unidade cinotécnica do BPM I é de escalão pelotão, isto é, temos um pelotão cinotécnico adstrito a uma unidade escalão batalhão (compare-se ao GPE). Terceiro, o tempo de serviço na especialidade. No Exército sofremos de um certo preconceito (pré – conceito), que é o de considerar determinados postos como sendo indignos de desempenho de funções operacionais, passando a observar o até então Operador Cinotécnico (mas poderia dizer carrista, infante, Comando, ...), digno merecedor de uma cadeira e uma secretária. Não poderia discordar mais desta visão. A cinotécnia do BPM I, à data de 2019, era comandada por um militar OR-8, equivalente em Portugal ao posto de Sargento-Ajudante. Sou do parecer que deve ser alterado o efetivo do ModCino, para PelCino, e que seja promovida uma alteração na nossa cultura militar, para que os sargentos com funções cinotécnicas permaneçam nas funções no posto de Sargento-Ajudante, enquanto Comandante do Pelotão Cinotécnico, valorizando assim todo o conhecimento e experiência obtidos, e que as praças a desempenhar funções cinotécnicas prestem serviço em Regime de Contrato Especial ou nos Quadros Permanentes, dando continuidade ao trabalho com o seu canídeo, durante o tempo de serviço deste, contrariando a realidade atual, de canídeos com vários Operadores Cinotécnicos ao longo da vida ativa. Quarto e último ponto, a importância dada ao bem-estar animal. A unidade cinotécnica da Guardia Real, força à qual compete a busca preventiva de deteção de explosivos, nos sítios reais tem os seus canis construídos para que não haja interação entre o cão e o Operador de serviço.
E5	Não. Os nossos cães trabalham de forma muito semelhante aos de Espanha. A principal diferença reside no reconhecimento institucional. Em Portugal essa valorização ainda não se concretizou.
E6	Sim porque eles conseguem executar com sucesso a missão tanto em Espanha como fora de Espanha.
E7	Na formação não. Em termos de emprego, eles efetivamente usam os cães e nós não.

Tabela 21 - Síntese de repostas à pergunta 21

21. Na sua opinião, Portugal deveria adaptar parte do modelo espanhol para fortalecer a sua capacidade cinotécnica? Se sim, que mudanças deveriam ser feitas ?	
E1	Se conseguirmos os recursos humanos e material não precisamos de mudar nada.
E2	Na parte de especialização dos nossos militares nesta área sim, os nossos cães iriam conseguir ligar-se muito melhor ao tratador, ou seja, deveríamos ter uma carreira horizontal para aqueles que querem ficar nesta área e desta forma fazerem toda a carreira ligada à cinotécnica. Temos a falar de seres vivos que trabalham ao nosso lado não os podemos ver como material mas sim como pessoal que no Exército ainda não acontece pois o Exército ainda os considera como material logo aí os cães são vistos de outra maneira, se olharmos para o cão como multiplicador do potencial de combate se calhar conseguimos mais investimento na área.
E3	Se resolvermos a falta de pessoal e tivermos pessoal que se dedica toda a carreira à cinotécnica conseguimos atingir o nível deles.
E4	Sem dúvida, conforme mencionei na resposta à questão anterior.
E5	Sim, especialmente no que diz respeito à estrutura de carreira na cinotécnica. Adotar um modelo de carreira horizontal e quadros especiais seria um passo importante para o fortalecimento da cinotécnica no Exército Português.
E6	Sim. Portugal deveria adotar cerca de 80% do modelo espanhol. Deveríamos implementar uma carreira horizontal. Além disso, deveríamos adotar a cultura existente em Espanha, onde até os militares que não trabalham diretamente com os cães reconhecem a sua importância operacional.
E7	Deveríamos adotar a sua cultura, o pessoal da cinotécnica é valorizado e são considerados uns técnicos no assunto.

Tabela 22 - Síntese de repostas à pergunta 22

22. Há algum aspeto adicional sobre o emprego das forças cinotécnicas da PE que considere importante mencionar ?	
E1	Temos de olhar para as forças cinotécnicas com um multiplicador de potencial de combate. As forças cinotécnicas podem ser empregues em quase todas as áreas de atuação da PE. É uma força com capacidades únicas no Exército.
E2	Temos de ter noção que apenas temos 6 binómios no Regimento em que 3 são de deteção de estupefacientes, 2 do uso da força e 1 de explosivos com dupla valência, ou seja que cumpre o plano de comportamentos aditivos são apenas 3 cães ou seja é uma carga enorme depositada nos canídeos.
E3	Se realmente queremos melhorar esta área temos de agir já pois caso não aconteça num futuro próximo poderá não haver condições para o fazer.
E4	A transição de cultura não profissional, para uma verdadeira cultura cinotécnica, à semelhança das forças congéneres, passa também pela estrutura não olhar para os operadores como excecionais para exposições e demonstrações. A cinotécnica é uma ferramenta, que trabalha com seres vivos, carece de treino diário e de meios para o desempenho das funções. A sobrecarga com tarefas adicionais, aos Operadores Cinotécnicos, implica que o ser vivo com o qual trabalham, fica no canil. No que concerne às missões cinotécnicas, quase que diariamente, os Binómios de Deteção de Estupefacientes do ModCino, executam missões de Busca Cinotécnica nas Unidades do Exército, o que pressupõe o início de marcha ainda durante a madrugada, e percorrer centenas de quilómetros, ida e volta (a título de exemplo, Amadora-Chaves-Amadora, são cerca de 890 quilómetros). Para além do cansaço, somam-se os custos em combustível e portagens. Ora, no caso de terem existido marcações positivas, levantam-se questões desmoralizantes para os Operadores Cinotécnicos, e questões de economia de meios... dado que num Exército constituído por cidadãos que decidiram prestar serviço de forma voluntária, é tida como benevolência excessiva, a manutenção de militares nas fileiras, aos quais tenha sido detetada a posse de estupefacientes. Isto é, a sociedade relaxou no que diz respeito ao consumo de estupefacientes e as FA tomaram a mesma atitude. Carece de esclarecimento, a manutenção das missões de Busca e Deteção de Estupefacientes, com efeitos realmente proporcionais aos custos que implicam, ou simplesmente, deixam de ser realizadas aquelas missões.

E5	Não.
E6	Os cães no controlo de tumultos têm um papel fundamental, pois conseguem evitar a escalada do uso da força. No que diz respeito à busca de odor humano, só os cães possuem a capacidade de realizar esse tipo de missão com eficácia.
E7	O cão, em muitas situações, consegue ultrapassar as capacidades do homem. O perigo ao qual o cão se expõe é um risco a menos para o militar, o que contribui significativamente para a segurança da força. Os militares que operam com cães, sentem-se mais seguros.

Apêndice K - Entrevista Coronel Vítor Gomes - Guião B

1. A FRI é uma força conjunta, com meios permanentemente atribuídos, organizada nos domínios naval, terrestre e aéreo, sob comando tático único, ativada por ordem do CEMGFA. Tem como missão principal a proteção e evacuação de cidadãos nacionais e aliados em áreas de crise, salvaguardando interesses no EEINC.
2. Até à data, as operações da FRI ocorreram em contexto de ajuda humanitária, missões de evacuação e proteção de interesses nacionais.
3. Numa operação de ajuda humanitária, forças PE com um pelotão de PE, uma Equipa Cinotécnica. Assim, foi entendimento do Exército que esta valência seria uma mais-valia
4. Foi uma decisão do Exército, entendendo esta valência como uma mais-valia
5. A ausência de binómios está associada a constrangimentos como disponibilidade de transporte, adaptação dos cães a países amigos, entre outros. É obrigação deste Ramo assegurar a operacionalidade deste meio, não me cabendo julgar esta decisão/implicação.
6. Não. É responsabilidade do Ramo garantir a operacionalidade.
7. Não.
8. Não. Nenhuma missão até hoje exigiu este tipo de equipa
9. Um dos constrangimentos identificados relaciona-se com transporte e adaptação a teatros de operações.
10. Apesar de ainda não ter sido empregue, a presença desta capacidade no catálogo da FRI representa o reconhecimento da sua mais-valia estratégica e a responsabilidade do Exército em garantir a sua operacionalidade.

Apêndice L - Entrevista Major Ivo Caseiro - Guião C

1. Uma Companhia de PM desempenha funções de mobilidade, polícia, segurança, detenção e investigação criminal.
Está apta a executar todo o tipo de funções em todo o espectro do conflito, com foque em missões de resposta à crise, nomeadamente em operações de estabilização.
Nestes contextos, as suas funções mantêm-se sendo adaptadas consoante as necessidades do ambiente operacional.
Para além destas tarefas, a Companhia assegura ainda a proteção da força que está a apoiar.
2. Todo isto tem um processo de planeamento. Foi proposta por nós a inclusão de uma força cinotécnica, uma vez que constitui um fator multiplicador do potencial de combate da nossa força, com especial relevância nas funções de segurança e detenção.
3. É fruto da análise do emprego dos cães noutras forças.
4. Todos. Em situações que exijam, por exemplo, o controlo de tumultos para travar uma manifestação, o cão revela-se não só um multiplicador do potencial de combate, mas também um elemento dissuasor. A sua presença reduz significativamente a aproximação dos manifestantes à nossa força e, em caso de necessidade, o cão pode ser solto para imobilizar um indivíduo, sem que seja necessário recorrer ao uso de fogo letal. Em checkpoints, os cães podem ser usados para reforçar a segurança. Em contextos como revistas, se um indivíduo se colocar em fuga, o cão pode intervir de forma eficaz, além do mais em operações de estabilização ou de apoio à paz, onde é essencial evitar o uso de armas de fogo devido ao impacto negativo junto da população, o cão permite neutralizar ameaças com menor risco de causar danos maiores. Durante patrulhas, os cães funcionam como facilitadores da ação, não só pela impressão psicológica que provocam nos insurgentes, mas também pela sua versatilidade, permitindo uma resposta eficaz sem necessidade de recorrer ao uso de fogo. Além disso, temos um cão treinado para detetar odor humano, o que representa um apoio significativo em ações de patrulhamento, aumentando a eficácia da força no terreno.

5. Neste momento não temos desafios, o maior desafio é a falta de recursos humanos e falta de cães no módulo. Não prevemos desafios porque irá estar tudo previsto no plano administrativo/logístico.
6. Sim. O que muitas vezes um cão faz o militar não consegue fazer. É um multiplicador tanto nas ações das nossas forças como na EUBG com um todo.
7. A formação os militares têm, os cães estão rotinados. As infraestruturas que temos para treino são medianas, podem ser melhoradas caso exista recursos humanos.
8. Sim. Já fizemos vários exercícios com varias forças onde podemos usar os nossos cães e avaliar a sua eficácia
9. Os nossos cães já fizeram treinos cruzados com outras forças tais como a força espanhola.
10. A inclusão da força cinotécnica está devidamente pensada e enquadrada no planeamento operacional, , contamos com o apoio do Agrupamento Sanitário, onde está inserida a capacidade veterinária, garantindo assim o bem-estar e a operacionalidade dos cães durante toda a missão. No que toca a infraestruturas em último recurso, é possível recorrer aos canis de campanha. Os cães acompanham os militares em todas as formas de projeção da força, seja por via aérea, terrestre ou marítima
11. Eu espero sinceramente que desta EUBG se tirem várias conclusões uma delas que a PM é importante e que os cães são uma mais-valia nas Forças Armadas.
12. Tanto a PM como os cães são uma mais-valia, são uma das tropas menos dispendiosas com maior flexibilidade de emprego e que muitas vezes não são olhadas como devem ser.

Apêndice M - Entrevista Capitão de Fragata Ferreira Vilaça - Guião D

1. Os cães militares dos Fuzileiros desempenham funções em diferentes ambientes operacionais. No mar, são usados na segurança física dos militares e na revista a navios, garantindo a deteção de ameaças e a proteção da força. Em operações em terra, os cães são utilizados no uso da força. Os fuzileiros têm ainda, cães de deteção de estupefacientes e explosivos, assegurando a segurança de instalações, viaturas e perímetros operacionais.
2. Os binómios cinotécnicos permitem aumentar a eficácia e rapidez das operações dos Fuzileiros e do Destacamento de Operações Especiais (DOE). Um exemplo concreto dessa vantagem é a revista a navios: enquanto uma inspeção sem o cão pode demorar cerca de um dia, com o auxílio de um cão militar o mesmo processo é concluído em apenas 2 a 3 horas, garantindo maior eficiência e reduzindo o tempo de exposição dos militares a potenciais ameaças.
3. A necessidade de gerar uma força composta por binómios cinotécnicos dos Fuzileiros para a Lituânia surgiu devido fundamentalmente para a revista e limpeza de navios, reduzindo significativamente o tempo necessário para concluir estas operações. Além disso, a falta de efetivos obriga a uma maior sobrecarga sobre os militares nas operações em terra, nomeadamente na limpeza e inspeção de edifícios, um processo que, quando realizado apenas por humanos, pode demorar um dia inteiro. Com o auxílio de um binómio cinotécnico, este trabalho é concluído em apenas 3 horas, permitindo uma utilização mais eficiente dos recursos humanos disponíveis.

Durante uma patrulha, um cão pode detetar odor humano a 300 metros de distância, identificando a presença de possíveis forças inimigas.

4. Sim, esta é a primeira vez que binómios cinotécnicos dos Fuzileiros são destacados para este teatro de operações.
5. Foi definido um cão para cada grupo.
6. Foram escolhidos tratadores experientes, garantindo que os binómios enviados possuíam um elevado nível de treino e preparação para o teatro de operações. Em relação aos cães, a escolha recaiu sobre exemplares da raça Malinois, reconhecida pelo seu alto desempenho, resistência física e forte aptidão para trabalho operacional.

7. Apenas operações dos fuzileiros/DOE.
8. Atualmente, não existe um veterinário destacado para acompanhar os cães durante a missão. Em caso de necessidade, o apoio veterinário será prestado por profissionais locais, garantindo que qualquer eventualidade seja tratada com os meios disponíveis no terreno.
9. Sim, houve um reconhecimento prévio. O período de destacamento da Força Nacional Destacada (FND) foi planejado para ocorrer entre abril e junho, evitando os extremos climáticos do inverno e do verão.
10. Os cães serão transportados em casotas de transporte, garantindo a segurança e o bem-estar dos cães durante toda a deslocação até ao teatro de operações. Além disso, no terreno, serão projetadas viaturas adaptadas para o transporte de canídeos, permitindo a sua movimentação de forma eficiente e segura em ambiente operacional.
11. Não, com o reconhecimento feito foi tudo previamente preparado.
12. Os binómios cinotécnicos desempenharão um papel fundamental na missão, acompanhando as equipas em todas as operações, garantindo segurança e eficiência nas seguintes tarefas:
 - SQB (Small Quarters Battle) – Apoio na segurança
 - MALT (Maritime Antiterrorism and Law Enforcement Team) – Emprego em operações de segurança marítima
 - VBSS (Visit, Board, Search and Seizure) – Inspeção e limpeza de navios, garantindo a segurança da equipa.
 - Limpeza de edifícios
13. Os binómios cinotécnicos irão aumentar significativamente o potencial de combate da Companhia de Fuzileiros destacada na Lituânia.

Eficiência na deteção e limpeza de compartimentos – Um cão consegue realizar inspeções duas a três vezes mais rápido do que uma equipa convencional.

Capacidade de deteção a longa distância – O cão militar consegue detetar a presença humana até 300 metros, permitindo que as equipas se antecipem a movimentações inimigas.

Reforço da segurança física dos militares – A presença do cão aumenta a segurança da força, detetando movimentações suspeitas antes da equipa, permitindo uma abordagem mais segura e controlada.
14. Os tratadores tratam do cão 24 horas por dia.

15. o processo de recolha de feedback sobre o desempenho dos binómios cinotécnicos começa ainda em território nacional, durante o treino. Antes da missão, são realizadas simulações, de ambientes operacionais que os binómios irão enfrentar. Entre os exercícios previamente treinados incluem-se: entrada e saída de helicópteros, saída de lanchas e embarcações e rappel.
16. Espera-se que esta operação tenha um impacto muito positivo, promovendo a valorização dos binómios cinotécnicos e incentivando outras forças a investirem nesta capacidade. Os binómios possuem bases sólidas e a expectativa é que se afirmem como uma valência consolidada no meio operacional.
17. Sim
18. Para melhorar a preparação e o emprego dos binómios em futuras operações, seria essencial reorganizar a estrutura da Cinotécnia dos Fuzileiros, permitindo um maior número de cães táticos disponíveis. Além disso, destaca-se a importância de serem militares dos Quadros Permanentes (QP) para acompanhar os cães durante todo o seu ciclo de serviço, que pode durar entre 8 a 9 anos, priorizando efetivos mais jovens, com idades entre 20 e 30 anos. Por fim, a aquisição de mais material e a ampliação das boxes são medidas fundamentais para garantir melhores condições operacionais e de bem-estar para os binómios.
19. O atual Comandante do Corpo de Fuzileiros pretende expandir a Cinotécnia para todos os batalhões, reconhecendo a sua utilidade operacional. Acredita-se que esta aposta contínua nos binómios trará benefícios significativos e que, no futuro, essa capacidade se revelará uma ferramenta essencial no apoio às Forças Armadas.

Apêndice N - Brigada D. Sergio Mares Guillén - Guião E

1. Chefe da Secção Cinológica do Batalhão de Polícia Militar.
2. Em três especialidades: deteção de explosivos (DEX), deteção de drogas (DDE) e segurança. O Batalhão de Polícia Militar (BPM) tem uma Secção com estas 3 especialidades. Além disso, cada uma das 8 brigadas do Exército de Terra possui uma equipa cinotécnica DEX/DDE.
3. Controlo preventivo de acessos em bases, tanto em território nacional como em missões internacionais.
Segurança e apoio a equipas de intervenção policial e combate especializado. Deteção de estupefacientes entre as próprias forças, tanto em território nacional como em zona de operações.
4. Sim. Por exemplo, no Iraque, no controlo de acesso à base “Gran Capitán”, a equipa cinotécnica detetou explosivos num camião, impedindo a entrada e evitando um atentado terrorista.
5. Participando em exercícios de instrução e treino, e integrando-se nas unidades em missões no estrangeiro, prestando apoio com as suas capacidades às missões de combate.
6. Com provas seletivas rigorosas, avaliando espécimes com qualidades genéticas excepcionais, observando e avaliando as capacidades e o potencial desde cachorros.
7. É elaborado um plano de treino mensal para cada cão, adaptado à fase em que se encontra.
Os guias combinam o treino do cão com o seu próprio treino como polícia militar.
8. Sim, mas pertencem às Forças Armadas e ao Ministério da Defesa, não ao Exército de Terra.
9. Sim, cada equipa cinotécnica é avaliada uma vez por ano, recebendo uma certificação nacional.
O desempenho operacional é supervisionado pelo Chefe do Núcleo Cinotécnico. Além disso, antes de qualquer destacamento para zona de operações, é realizada uma avaliação específica.

10. Existem desde edifícios com canis até cercados para recreação. As zonas de treino estão separadas da zona principal, e os cenários de trabalho são mudados constantemente.
11. O fator principal é a resposta à ameaça identificada na zona de operações. Dependendo da ameaça e da missão, são utilizados cães com especialidades diferentes, normalmente os de explosivos (DEX).
12. Sim. Atualmente estão no Líbano, sob mandato da ONU, e no passado estiveram no Iraque e no Afeganistão, em missões da OTAN.
13. O maior desafio é o apoio veterinário, especialmente em casos de urgência. Todos os aspetos logísticos são geridos pela unidade superior.
14. Essa não é uma função da Polícia Militar. É responsabilidade da UME (Unidade Militar de Emergências).
15. Também é responsabilidade da UME, em coordenação com outras forças de segurança.
Os cães militares só são utilizados se o nível de emergência assim o justificar (segundo a lei).
16. Sim, em missões de segurança durante o fenómeno climático DANA (em Valência).
17. Sim, com investimentos em material, formação e infraestruturas.
18. Sim, especialmente nos exercícios “Ángel Guardián” e “Cerberó”, ambos organizados pelo Batalhão de Polícia Militar.
19. Não.
20. Não. Cada país tem o seu próprio sistema de certificação. Apesar de algumas semelhanças, há diferenças, sobretudo no uso de cães com especialidades combinadas.
21. Sim. É necessária mais instrução conjunta e combinada com outros exércitos e países, bem como melhorias nas infraestruturas e nos procedimentos de apoio sanitário aos cães.